

**O ESPIRITUALISMO NO SÉCULO XIX:
REFLEXÕES TEÓRICAS E HISTÓRICAS
SOBRE CORRENTES CULTURAIS E
RELIGIOSIDADE**

ELIANE MOURA SILVA

Departamento de História
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Universidade Estadual de Campinas

2^a-edição

textos Didáticos
n° 27 – AGOSTO DE 1999

TEXTOS DIDÁTICOS

IFCH/UNICAMP

Setor de Publicações

Caixa Postal: 6110

CEP: 13081-970 - Campinas - SP

Tel. (0XX 19) 788.1604 / 788.1603 - Fax: (0XX 19) 788. 1589

**SOLICITA-SE PERMUTA
EXCHANGE DESIRED**

Diretor: Prof. Dr. Paulo Miceli

Diretor Associado: Prof. Dr. Rubem Murilo Leão Rêgo

Comissão de Publicações:

Prof^ª Amneris Angela Maroni - DCP, Prof. Italo A. Tronca - DH, Prof. Márcio Bilharinho Naves - DS, Prof. Oswaldo Giacóia Jr. - DF e Prof. Rubem Murilo Leão Rêgo (Coordenador).

Setor de Publicações:

Marilza A. da Silva, Magali Mendes e Maria das Graças Almeida.

Gráfica

Sebastião Rovaris, Marcos J. Pereira, Luiz Antonio dos Santos, Marcilio Cesar de Carvalho, José Carlos Diana e Leontina Marques Segantini.

Capa - Composição e Diagramação - Revisão - Impressão

IFCH/UNICAMP

O Espiritualismo no século XIX:

Reflexões Teóricas e Históricas sobre

Correntes Culturais e Religiosidade

1. INTRODUÇÃO

Dentro do atual quadro de trabalhos e estudos sobre religião e religiosidade é possível perceber uma tendência atual de valorização dos fenômenos religiosos múltiplos, da religiosidade popular, de formas de espiritualidade não diretamente ligadas as grandes instituições eclesásticas mas que fornecem elementos para construção de identidades perdidas (como o caso do Islamismo e certas religiosidades folclóricas e populares), de memórias coletivas, de experiências místicas, correntes culturais e intelectuais não ortodoxas.

Trata-se, portanto, de privilegiar correntes de pensamento, movimentos, tendências que irrompem contra as estruturas e os dualismos tão caros a modernidade: movimentos religiosos dos povos indígenas latino-americanos e africanos, religiões orientais, tendências paralelas as grandes religiões institucionais, o desenvolvimento do espiritualismo, do misticismo e do esoterismo na Europa, Estados Unidos e América Latina (particularmente no Brasil), a constituição de identidades religiosas nacionais e supranacionais, a formação e difusão da nebulosa "Nova Era", bruxaria, magia, mitologia, alquimia, hermetismo, gnosticismo.

Desta forma coloca-se a necessidade de ampliar os debates teóricos e limites metodológicos para os temas em questão, a revisão de marcos cronológicos e o desenvolvimento de análises comparativas numa área de estudos nova e emergente.

Assim, apresentaremos reflexões teóricas que permitam iniciar um caminho possível para os trabalhos sobre a história do pensamento religioso e da religiosidade, das correntes espirituais e místicas do ponto de vista de um história cultural bem como alguns aspectos da história do espiritualismo, com particular destaque para o movimento espírita da segunda metade do século XIX.

2. QUESTÕES TEÓRICAS

Estudar historicamente movimentos e pensamentos religiosos implica em discutir teoricamente as formas possíveis de abordagem dentro de uma área de estudos que vem crescendo e construindo seus próprios referenciais.

Desde meados do século XIX, sob influencia do orientalismo, da filologia, da lingüística comparada, os estudos de História das Religiões como área de conhecimento acadêmico ganharam impulso e surgiram as primeiras reflexões teóricas. Em MAX MULLER e o seu *Essay on comparative mythology* (1856), nos etnólogos orientados historicamente como FR. GRAEBNER, LEO FROBENIUS, FRANZ BOAS, WILHELM WUNDT e no fenomenólogo GERARD VAN DER LEEUW encontramos marcos para o surgimento de um campo específico de estudos e pesquisas sobre temas religiosos tanto para se chegar as chamadas “estruturas específicas” dos fenômenos religiosos como para o desenvolvimento de um interesse preferencial pelo contexto histórico, a decifração e apresentação da história de movimentos, indivíduos ou instituições propriamente ditas.

Tomaremos como marco inicial de discussão teórica o texto *O Sagrado (Das Heilige)* de RUDOLF OTTO publicado em 1917. Neste texto o autor buscou, de maneira inovadora para sua época, estudar a experiência religiosa valorizando o seu lado irracional em detrimento do lado especulativo e racional da religião. Era o aspecto desmedido, o poder terrível e amedrontador da experiência divina que interessava, onde o sagrado era uma realidade de ordem totalmente diferente das realidades “naturais”. A primeira atitude religiosa, do ponto de vista de OTTO, foi de espanto e depois de fé. A relação entre o sagrado/profano foi definida em função da distância entre o que era potente (divino) do que era impotente (humano).¹

Mas foi com MIRCEA ELIADE que a questão sagrado/profano ganhou seu estatuto teórico e intelectual mais marcante. Para este historiador o fenômeno do sagrado em toda a sua complexidade não comporta apenas o aspecto irracional. O fenômeno do sagrado não é apenas a relação entre o racional e o não racional mas sim uma experiência de totalidade e, seguindo ROGER CAILLOIS (*O Homem e o Sagrado*, Lisboa, Ed. 70, 1987) segundo o qual sagrado é tudo que se opõe ao profano, ELIADE propõe uma História das Religiões como basicamente, uma fenomenologia religiosa analisando as *hierofanias*, ou seja, as “as coisas onde o sagrado se manifesta”.² Contudo, sua visão acabou por conduzir a uma redução da história e das culturas, prevalecendo uma visão mitológica e simbolista.³

¹ RUDOLF OTTO. *O Sagrado*, Lisboa, Martins Fontes, 1988.

² Embora esta seja a base teórica do trabalho de MIRCEA ELIADE, destacamos *O Sagrado e o Profano: A Essência das Religiões*, Lisboa, Livros do Brasil, 1978 e o *Tratado de História das Religiões*, Lisboa, Ed. Clássica, 1977.

³ A relação entre o pensamento de Eliade e as teorias junguianas ainda estão merecendo um estudo aprofundado, sobretudo no período em que ele participou das Conferências *Eranos* entre 1950-5. V. *A Provação do Labirinto - Diálogos de M. Eliade com Claude-Henry Rocquet*, Lisboa, D. Quixote, 1987.

Estas abordagens conduzem para o campo da fenomenologia religiosa e da filosofia da religião onde a religião passou a ser vista como um fenômeno universalmente humano e que as diferentes religiões seriam simplesmente, as diversas manifestações de uma única faculdade humana que podiam ser analisadas, classificadas em torno de uma unidade ordenada e, ao mesmo tempo, distinguindo os dados religiosos na sua totalidade histórica. É desta forma que JEAN DANIELOU analisa as possibilidades teóricas dos estudos dos fenômenos religiosos no seu artigo "Fenomenologia de las Religiones y Filosofia de la Religion" (in Eliade/Kitagawa (org.), *Metodologia de la historia de las religiones*, Paidós/Orientália, Barcelona, 1986, pp. 95-114).

Esta tendência de pensar um campo de oposição **sagrado/profano** aparece em estudos mais contemporâneos. Um deles é o de ALFONSO DI NOLA ("Sagrado/Profano" in *Enciclopédia Einaudi*, 12. *Mythos/Logos; Sagrado/Profano*, Lisboa, Imp. Nacional, 1987, pp. 105-160). Para este autor a função do binômio sagrado/profano deve ser pensada dentro de contextos históricos e culturais, nas experiências individuais, nas relações econômicas, religiosas ou sociais constituindo-se em pontos problemáticos nem sempre solucionados ou solúveis até porque a análise pode desenvolver-se em níveis diversos e variados que abordagens antropológicas ou etno-histórico-religiosas nem sempre conseguem dar conta. Segundo NOLA, a distinção entre sagrado e profano está presente, de formas diversas, em todas as culturas e sociedades, manifestando-se de forma mais clara quando encarnada em instituições, tanto na forma de oposições como Igreja x Estado, clericalismo x laicidade, religião x ideologia, como também no contraste complementar entre o divino ou demoníaco e o humano, o puro e o impuro, o espiritual e o material, o esotérico e o exotérico. Estas formas do par sagrado/profano também aparecem na organização do espaço social, do tempo, nos ritos mesmo que de aparência política e nada

religiosa, na transformação de dirigentes políticos e ídolos de massas (mesmo que ateus) em heróis míticos.

Porém, existem certas correntes que não aceitam trabalhar com definições genéricas e atemporais como as de religião ou de sagrado. ÂNGELO BRELICH (in *Historia de las religiones* - Volume 1: *Las religiones antiguas 1*, Siglo XXI, Madrid, 1977, pp. 30-97) aponta a necessidade de, para que o historiador dos fenômenos religiosos possa ter uma base teórica, definir-se aquilo que em certo momento histórico-cultural uma sociedade entende como religião, a maneira como atribui sentidos ao sagrado, recusando-se, desta forma, a trabalhar com uma categoria atemporal e genérica de "religião". BRELICH fala de crenças religiosas definidas dentro de universos históricos, culturais e mentais específicos, não aceitando, por exemplo, trabalhar com conceituações que só tem sentido na tradição religiosa cristã ou judaico-cristã, alertando, inclusive, para o fato de existirem crenças extra-religiosas, sobretudo nas sociedades ocidentais contemporâneas. Assim, para estudar os fenômenos religiosos, o historiador deve sempre estar atento ao uso e sentido dos termos que em determinada situação geram crenças, ações, instituições, condutas, mitos, ritos, etc. Apesar da sua extrema variedade, os fenômenos religiosos aparecem como um tipo característico de esforço criador em diferentes sociedades e condições procurando colocar ao alcance da ação e compreensão humanas o incontrolável, sem sentido e procurando conferir valor e significado para a existência das coisas e seres. Para BRELICH este seria, portanto, o objeto específico da disciplina histórica que estuda os fenômenos religiosos e só é alcançado de maneira satisfatória se aos estudos for aplicado o método comparativo como o único capaz de iluminar e esclarecer a maneira como formam-se os núcleos históricos dos fenômenos e movimentos religiosos.

Ao lado destes historiadores cabe destacar o papel relevante desempenhado por representantes da chamada Nova História para pensar a questão da história dos fenômenos religiosos. ALPHONSE DUPRONT em seu artigo "A Religião: Antropologia religiosa" (in Le Goff/Nora (org.), *História: novas abordagens*, Zahar, RJ, 1978, pp. 83-105) define a antropologia religiosa como o conhecimento do homem religioso, das suas leituras sobre o universo e de sua participação nos aspectos cósmicos e em busca das dimensões do todo-poderoso. Na construção religiosa integram-se o racional e o irracional, a criação e a violência tudo isto dentro da história, na experiência humana temporalmente colocada. Segundo DUPRONT o fenômeno religioso pertence, do ponto de vista temporal, ao longo prazo, sobretudo nas suas visões de mundo:

"Através da experiência religiosa, o homem vive num ritmo lento, o qual oferece, quando apreendido em seu próprio movimento, uma extraordinária e talvez única possibilidade de decifrar confissões e testemunhos, e o duplo sentido do combate de existir e da interpretação que o próprio homem dá a si mesmo de tal combate." (op. cit. p.84).

Para este autor estudar a experiência religiosa em suas variadas dimensões é adentrar um domínio complexo, nos limite dos discursos sobre a eternidade, nos perfis históricos destas aventuras essenciais, dos sincretismos que se esboçam, das recusas e abandonos revelando a luta dramática, sagrada da vida e do tempo numa sociedade determinada, numa experiência específica e coletiva. DUPRONT entende que nas representações figuradas dos deuses ou santos, na organização da fé, doutrina ou instituição, pensados sempre como produtos históricos, é possível encontrar a via de criações específicas, de impulsos e silêncios, numa trama de acontecimentos e fatos sin-

gulares que se prolongam em conseqüências infinitas, transcendem o tempo e o dominam.

DOMINIQUE JULIA ao escrever "A religião: História religiosa" (in Le Goff/Nora (org.), *História: Novas abordagens*, Zahar, RJ, 1978, pp. 106-131) pensa os fenômenos religiosos do ponto de vista de uma história social. Para JULIA há uma continuidade, uma infinidade de relações entre os fenômenos religiosos, a posição social dos indivíduos e os sentimentos religiosos. Defendendo a necessidade de interdisciplinaridade com a sociologia, a demografia, a lingüística, ele pensa que a atual significação da história religiosa está ligada ao aparecimento do imaginário na nossa sociedade, da percepção que um sistema pode se abalar pela irrupção de um simbólico que o contesta. Isto vem obrigando o historiador dos fenômenos religiosos a posicionar-se e redefinir conceitos e métodos em busca de novos e atualizados caminhos incluindo uma História do Imaginário.

EVELYNE PATLAGEAN vem contribuir para pensarmos uma História do Imaginário e as possibilidades de estudarmos uma História dos Imaginários religiosos. Em "A História do Imaginário" (in Le Goff, *A Nova História*, Martins Fontes, SP, 1993, pp. 291-316), segundo sua concepção, o domínio do imaginário é constituído pelo conjunto das representações que extrapolam os limites colocados pela experiência e pelos encadeamentos dedutivos que elas permitem. Para esta historiadora, a cristianização da cultura européia inaugurou uma nova época na história das representações incluindo um domínio do imaginário sobre os mundo dos mortos, as relações divinas e do homem com seu corpo. A cultura cristã apresentou um riquíssimo domínio do imaginário, com farta massa documental durante séculos.

Pensar o religioso também pode ser colocado no domínio da História Cultural que tem, na definição básica de ROGER CHARTIER (*A História Cultural entre práticas e representações*, Lisboa, Difel,

1990, pp. 16-8.) como objetivo central identificar a maneira através da qual, em diferentes tempos e lugares uma determinada realidade social é construída, pensada e lida. Representações do mundo que aspiram a universalidade são determinadas por aqueles que as elaboram e não são neutras pois impõem, justificam, legitimam projetos, regras, condutas, etc.

Desta forma, acredito que uma abordagem teórica preliminar para pensar a História do pensamento religioso, de formas de religiosidade em geral e, no caso deste trabalho em particular sobre o espiritualismo na sociedade contemporânea deve levar em conta a historicidade dos fenômenos religiosos, são construídos em variados aspectos e matizados na sua complexidade histórico-cultural, procurando detectar certas matrizes intelectuais que levaram a construção de conceitos precisos tais como “espiritualismo”, “espiritismo”, “ocultismo”, “esoterismo”, entre outros. É importante também pensar historicamente os fenômenos religiosos como formas de pensamento cuja natureza deve-se delimitar com base nas correntes que o compõem, bem como o de uma história das representações religiosas no domínio do imaginário sobre o divino e o transcendente. Esta é a forma como pretendo encaminhar teórica e metodologicamente este trabalho detendo-me mais especificamente na organização de uma corrente espiritualista da segunda metade do século XIX: o Espiritismo francês.

3. POR UMA DEFINIÇÃO HISTÓRICA DE ESPIRITUALISMO E ESPIRITISMO NO SÉCULO XIX

Para a maioria dos historiadores do Espiritualismo, as matrizes intelectuais e do imaginário espiritualista do século XIX encontram-se no século XVIII e fortemente ligadas às figuras dos visionários e místicos EMMANUEL SWEDENBORG e KASPAR LAVATER.

EMANUEL SWEDENBORG nasceu em Estocolmo em 29 de janeiro de 1688, filho de um pastor luterano e professor de teologia na Universidade Upsala. Foi criado numa atmosfera religiosa e teve, simultaneamente, uma educação clássica esmeradíssima, aprofundando-se em ciências físicas e matemáticas, num período em que a “moderna ciência” instalava uma concepção mecanicista do cosmos, base da geração da futura ciência moderna. Os trabalhos e estudos desenvolvidos na sua juventude indicam uma forte influência das idéias neo-platônicas e da tradição gnóstica que sobreviviam em alguns centros universitários e intelectuais europeus.⁴ Aos 25 anos, em 1716, tornou-se Assessor do Colégio Real de Minas onde permaneceu até 1747, embora tenha continuado a viajar, especialmente pela Inglaterra e Holanda.

O ano de 1745 foi uma reviravolta na vida de SWEDENBORG. Embora seus biógrafos afirmem que, desde criança, ele era dotado de certas características psíquicas peculiares, neste ano teve uma experiência insólita. De acordo com seus biógrafos, preocupados em salientar sua vida mística e espiritual, durante uma de suas inúmeras viagens, SWEDENBORG encontrava-se sozinho e à noite, jantando numa hospedaria, quando, saído das sombras, um tipo estranho e espectral apareceu e dirigiu-lhe a palavra anunciando haver chegado o momento de uma Nova Revelação de Deus para os homens e ele, SWEDENBORG, seria o novo mensageiro. Deste período em diante mergulhou em experiências cotidianas de viagens em outros planos e dimensões espirituais, conversando com espíritos, visitando os mundos do Além, conhecendo o que acontecia após a morte. Depois destas experiências, construiu uma nova doutrina sobre a morte e o destino espiritual dos mortos:

⁴ Ver: STANLEY, M. *Swedenborg: Essential Readings*. North Hampshire, Thorsons, Publishing Group, 1988.

“Devo, pois, de antemão manifestar que pela divina misericórdia do Senhor, foi-me permitido, desde há muitos anos, estar constantemente em companhia de anjos e espíritos, ouvi-los falar e falar com eles. Deste modo foi-me permitido ver e ouvir coisas maravilhosas na outra vida, as quais nunca antes chegaram a conhecimento de homem algum, nem nunca passaram pela mente humana. Fui informado a respeito de diferentes classes de espíritos, os estados da alma após a morte; o inferno, ou seja, o estado lamentável dos infelizes; o céu, ou seja, o estado bem-aventurado dos fiéis, e, especialmente, a respeito da doutrina da fé universalmente reconhecida no céu, de cujas as coisas, mediante a Divina Misericórdia do Senhor, mais se dirá no que se segue.”⁵

Segundo SWEDENBORG o mundo espiritual era formado por esferas diferentes para onde os espíritos iam de acordo com a luminosidade e a espiritualidade da sua condição no momento da morte. O resultado da sua condição após a morte era uma decorrência da totalidade dos atos de sua vida, da globalidade da vida humana, não adiantando o arrependimento de último momento.

Ainda segundo ele, os anjos eram almas mais evoluídas e espiritualizadas, enquanto os demônios eram os seres humanos espiritualmente atrasados.

O mundo dos espíritos não era nem o Céu nem o Inferno, mas uma dimensão intermediária entre os dois, onde se chegava após a morte e aconteciam os contatos com outros mortos, inclusive os amigos e conhecidos. Neste estágio intermediário, e de acordo com a sua vida terrena, o espírito preparava-se para o Céu ou as profundezas do Inferno, transformando-se em anjo ou demônio. O mundo dos espíritos era a região dos mortos enquanto o mundo espiritual incluía o Céu e o

⁵ SWEDENBORG, E. *Arcana Celeste*, SP, Icone, 1989, p. 13.

Inferno.⁶ A permanência no mundo dos espíritos variava: podia ser de minutos, horas, semanas, porém nunca ultrapassava os trinta anos. O tempo de permanência dependia das correspondências entre corpo e a alma de cada espírito.⁷

As descrições da cartografia do mundo dos espíritos prosseguiram com um grande detalhamento: o Céu estava acima, fechado e só podia ser alcançado por uma passagem estreita fortemente protegida; o Inferno também estava fechado e suas fendas vigiadas para que nada escapasse; o mundo dos espíritos, formado por montanhas e vales, comportava passagens para o mundo celestial, só vistas pelos que estavam preparados. No inferno, encontram-se cavernas tenebrosas e profundas, fétidas e pestilentas como a perversidade em vida daquelas que agora lá estavam.⁸ O Outro Mundo era formado por esferas representando o grau de luminosidade e felicidade para onde os mortos iriam conforme sua condição espiritual, indicando também uma estreita ligação entre o físico e o espiritual:

“Existe uma profunda comunicação do espírito com a respiração dos pulmões e com as batidas do coração e há uma íntima comunhão entre o pensamento do espírito e a respiração, cuja correspondência é o amor radicado no coração. Em consequência, quando estes dois movimentos cessam, há uma separação imediata do espírito. Estes dois movimentos, quer dizer, a respiração e as batidas do coração, são os verdadeiros limites em que o espírito abandona a si mesmo. E o corpo, privado da vida de seu espírito, começa a esfriar e apodrecer. (...).

⁶ SWEDENBORG, E. *The True Christianism*, London, 1936, p. 140.

⁷ SWEDENBORG, E. *De Planetas Y Angeles*, Madrid, Piligarno, 1988, pp. 180-7.

⁸ SWEDENBORG, E. *The Heaven and Hell*, London, Swedenborg Society, 1981, pp. 449-50.

Depois da separação física, o espírito do homem continua no corpo por um breve lapso de tempo, até cessar completamente os movimentos do coração. Isto tem lugar no momento em que os pulmões deixam de introduzir ar e varia de acordo com a enfermidade que ocasiona a morte.

Tão logo como pára o coração, o homem ressuscita em outro mundo, porém isto é obra exclusiva do Senhor. Ressurreição significa separação do corpo e do espírito e a entrada deste no mundo espiritual.”⁹

Na revelação de SWEDENBORG o Juízo Final foi um acontecimento no plano espiritual e dele surgiu uma Nova Igreja para adorar exclusivamente a Deus. De acordo com esta Nova Revelação, o Juízo Final ocorrera no mundo espiritual no ano de 1757, formando-se um novo Céu de Cristãos, composto por aqueles que admitiam Deus como único Senhor do Céu e da Terra, e dos arrependidos das más ações enquanto viviam no mundo:

“V.1. Aparição do novo Céu, que o Senhor formou com os cristãos e que se chama céu cristão. Neste Céu estão os que no mundo adoravam ao Senhor, vivendo segundo seus preceitos no Verbo e achando-se por isso em amor e fé. Também estão ali todos os cristãos que morreram quando crianças. Este céu se formou ao desaparecer, no dia do Juízo Final – depois de separados e salvos os que estavam inscritos no livro da vida do Senhor – todos os céus (falsos) não formados pelo Senhor, mas por certos cristãos, à medida que entravam no mundo espiritual, desaparecendo com eles também a região extrema que era a aglomeração de cristãos em geral mortos desde o princípio da Igreja. (...).

⁹ SWEDENBORG, E. *Planetas y Angeles*, pp. 186-7.

V.11. O estado de todos após a morte, de cada um em particular depois de sua morte e antes de seu juízo particular, e de todos em geral antes do Juízo Final, a saber, que os que se acham no mal são despojados de seus bens, e aqueles que se acham no falso são despojados de suas verdades e vice-versa: os que se acham no bem são libertados de seus males, e os que se acham na verdade são libertados de suas falsidades. (...).

V. 14. Terão felicidade eterna aqueles que vivem segundo os preceitos do Senhor, com a finalidade de estar n'Ele e a Ele neles unidos pelo seu Amor e em sua Nova Igreja mediante os conhecimentos d'Ele."¹⁰

A Vida Eterna concretizara-se pois o grande Julgamento já acontecera, um novo Céu estava aberto junto com a Nova Revelação e a Nova Igreja, a Nova Jerusalém que descera dos Céus.

Foi principalmente na divisão em três partes do Mundo Invisível, sobretudo no espaço chamado por SWEDENBORG de Mundo dos Espíritos habitado pela maior parte das almas dos mortos, conservando todas as características de suas personalidades humanas, movendo-se em um meio construído por seus pensamentos, seus impulsos e projeções de imagens mentais, onde encontramos uma concepção de Além que muito influenciou os espiritualistas do século XIX. Os transcendentalistas americanos, com destaque para EMERSON, além de JUNG, espíritas e espiritualistas em geral, foram leitores dos trabalhos deste visionário.

O outro grande iniciador desta corrente mística anterior ao surto espiritualista do século XIX foi KASPAR LAVATER (1741-1801), um pastor calvinista de Zurique ligado ao movimento místico pietista de JACOB BOEHME.¹¹ Teólogo e filósofo desenvolveu, ainda no século XVIII,

¹⁰ SWEDENBORG, E. *Apocalipse Revelado*, Icone, SP, 1989, p. 139.

¹¹ Carta datada de 1796. In *Cartas de Johann Kaspar Lavater à Maria Feodorowna* " editada pela Biblioteca Imperial para a Universidade de Iena em São Petesburgo, 1858. Citada por DENIS, L. *O porquê da Vida*, RJ, FEB, 1987

estudos e teorias fisiognomonistas além de uma série de trabalhos sobre o mecanismo da concepção e a condição da alma. Entre 1798 e 1800, sendo uma pessoa bastante conhecida na Europa, manteve correspondência com a Imperatriz Maria da Rússia quando apresentou não somente as suas concepções sobre a alma após a morte e a vida espiritual, como também possibilidade de comunicação objetiva entre os diferentes planos material e espiritual, entre mortos e vivos.

Segundo certos princípios gerais por ele estabelecidos a alma, após deixar o corpo, conservava as características boas ou más de sua personalidade:

“Penso que o mundo visível deve ser perfeitamente penetrável para a alma separada do corpo, assim como o é durante o sono, ou por outra, o mundo em que a alma estava durante sua existência corpórea, deve aparecer-lhe sob outro aspecto, quando ela se desmaterializa. Se, durante algum tempo, a alma pudesse estar sem corpo, o mundo material não existiria para ela. Se, porém, imediatamente depois de haver deixado o corpo, ela se reveste de um corpo espiritual, extraído do seu corpo material, o novo corpo dar-lhe-á, forçosamente, uma diferente percepção das coisas. (...).

A alma aperfeiçoa em sua existência material a qualidade do corpo espiritual, veículo este com que continuará a existir depois da morte do corpo material, e pelo qual conceberá, sentirá e obrará em sua nova existência. (...).

Cada alma separada do seu corpo, livre das prisões da matéria, se apresenta a si própria tal como é na realidade.

Todas as ilusões, todas as seduções que a impediam de ver e reconhecer suas forças, suas fraquezas ou suas faltas, desaparecerão neste novo estado. Assim ela manifestará irresistível tendência a dirigir-se para as almas que lhe estão em afinidade e a afastar-se das que lhes são dessemelhantes. Seu peso intrínseco,

como que obedecendo à lei da gravitação, atraí-la-á aos abismos insondáveis (ao menos assim lhe parece), ou, segundo seu grau de força, lança-la-á, qual chispa pela sua ligeireza, aos arcos, e ela passará rapidamente, às regiões luminosas, fluídicas, etéreas.”¹²

A existência espiritual após a morte não significava, para LAVATER, a impossibilidade de contatos entre mortos e vivos. Ele encaminhou à Imperatriz Maria cartas ditadas por um morto esclarecendo sobre a vida do Espírito:

“- Carta de um defunto a seu amigo, habitante da Terra, sobre o estado dos Espíritos desencarnados. Foi afinal permitido, querido amigo, satisfazer, ainda que só em parte, o desejo que eu tinha e também partilhavas, de comunicar-te alguma coisa sobre o meu estado atual.

(...).

Respondemos aos seus pensamentos, porém eles ignoram que somos nós que estamos falando. Sopramos idéias que, sem o nosso concurso, eles não poderiam conceber, embora lhes fossem inatas a disposição e a aptidão para recebê-las.

O homem digno de receber a luz torna-se deste modo um instrumento útil para o Espírito simpático que a deseja comunicar.

Encontrei um Espírito, ou antes, um homem acessível à luz, do qual pude me aproximar, e é por seu órgão que me dirijo a ti. Sem sua mediação seria impossível entender-me contigo verbalmente, palpavelmente, ou mesmo por escrito. (...).

Pouse sobre a frente dele, da mesma forma que o mais divino de todos os Espíritos pouse sobre a frente do mais divino de todos os homens, no ato de seu batismo, suscito idéias e ele as descreve sob a minha direção, por efeito da minha irradiação. Por

¹² Carta de Lavater de 1798, op. cit. pp. 78-81.

ligeiros toques, faço vibrar as cordas de sua alma, de um modo conforme com a sua individualidade e a minha. (...).”¹³

O estabelecimento de vínculos entre mortos e vivos, garantia a possibilidade das influências exercidas pelos Espíritos entre os vivos revelando instruções, pensamentos e conhecimentos que esclareciam o homem sobre a sua existência pós-morte. Mostravam relações constantes entre o mundo espiritual e o material, o visível e o invisível, vivos e mortos. A natureza destas relações dependia do grau de aprimoramento moral e espiritual tanto dos homens como dos espíritos.

Estes dois pensadores, SWEDENBORG e LAVATER, fizeram parte de um movimento onde as representações do Além ganharam uma extrema antropomorfização fora do espaço do Catolicismo. Ampliavam-se os limites das crenças e doutrinas que transferiam as afeições terrestres para após a morte apresentando as possibilidades de conhecimento da existência após a morte bem como das comunicações constantes entre as duas dimensões, as reuniões felizes entre vivos e mortos, superando a barreira de medos e incertezas que cercavam o destino mortal, numa revolução sentimental e psicológica que marcou o século XIX.

Embora estes dois personagens sejam marcos de uma mudança iniciada no século XVIII existiam, também nesta época, sociedades espiritualistas e teosóficas dedicadas ao estudo das manifestações dos mortos, porém reservando-se um aspecto de mistério, ocultismo e magia, ao contrário da publicização destes fenômenos durante os séculos XIX e XX.

Era o “Mundo dos Espíritos” diante dos crédulos e incrédulos, pessoas comuns e intelectuais, artistas e cientistas, para ser construído, investigado, contestado e transformar-se em uma expressão religiosa que do século XIX penetrou o XX com grande intensidade a atualidade.

¹³ Carta de Lavater de 1798, op. cit. pp. 95.

ESPIRITUALISMO E ESPIRITISMO NO SÉCULO XIX

Na segunda metade do século XIX organizou-se um movimento espiritual, filosófico e científico centrado na relação com a morte, no contato sistemático e regular com os mortos, nas manifestações conscientes dos espíritos e nos ensinamentos por eles transmitidos.

Embora a prática de invocar os mortos, de tentar contactar as almas seja um aspecto imemorial das sociedades humanas, na segunda metade do século XIX um influxo novo, de acordo com os princípios da ciência positiva, da filosofia secularizada, do materialismo político e racional, invadiu este domínio antes exclusivo da religião.

O movimento espiritualista colocou-se como uma revolução do pensamento de sua época num século que aboliu os preconceitos e perseguições religiosas e teve na ciência um avanço intelectual e um aliado valioso. Este movimento incorporou princípios científicos, investigou os fenômenos na sua lógica e veracidade e combateu o materialismo simplista lançando novas bases para pensar verdades religiosas sem os dogmatismos das religiões tradicionais. Começou como ciência do mundo espiritual, da sobrevivência da alma propondo uma fé racional, encarando os fatos sobrenaturais à luz da razão, sob princípios éticos e de veracidade comprovada, sem negação ou aceitação sistemática. Transformou-se em um movimento religioso e filosófico específico:

“Desde que o homem existe sobre a Terra, existem os Espíritos, e, desde então, também, os Espíritos se manifestaram aos homens. A história e a tradição formigam de provas a esse respeito; mas seja porque uns não compreendessem os fenômenos dessas manifestações, seja por que outros não ousassem divulgá-las, de medo da prisão ou da fogueira, seja que estes fatos fossem levados à conta de superstição ou charlatanismo pelas pessoas muito prevenidas, ou que tinham interesse em que não se fizesse

a luz, seja, enfim, porque fossem levados à conta do demônio por uma outra classe de interesses, é certo que, até estes últimos tempos, esses fenômenos, embora bem constatados, não tinham sido explicados de modo satisfatório, ou que, pelo menos, a verdadeira teoria, não tinha penetrado no domínio público, provavelmente porque a Humanidade ainda não estava madura para isto, como para muitas coisas maravilhosas que se cumprem em nossos dias. Estava reservado a nossa época ver eclodir, no mesmo meio século, o vapor, a eletricidade, o magnetismo animal, que eu entendo pelo menos, como ciências aplicadas e, enfim, o Espiritismo, o mais maravilhoso de todos, quer dizer, não só a constatação material da nossa existência imaterial e da nossa imortalidade, mas ainda o estabelecimento de relações materiais, por assim dizer, constantes entre o mundo invisível e nós.” (“Carta sobre a incredulidade”, in *Revue Spirit Journal d’Etudes Psychologiques*, Anné 4, Février – 1861, n. 2).¹⁴

Outra característica do movimento espiritualista foi o papel relevante dado às comunicações com os mortos. Pela primeira vez, um movimento científico, filosófico e posteriormente, religioso, dizia-se inspirado pelos Espíritos e não por seres vivos. Não mais profetas, Messias ou sacerdotes falando da morte ou da imortalidade mas os próprios mortos falavam da sobrevivência espiritual, do Além, sem os limites ditados pela Igreja. E como contestar aquilo que era dito não pelos vivos nem pelos livros, mas pelos mortos?

Os ensinamentos espirituais transformaram-se em objetos de intensos debates, rigorosas análises e reflexões acuradas. Perguntas e respostas entre as duas dimensões, materiais e espirituais eram cuidadosamente submetidas ao crivo racional, lógico e científico. Esti-

¹⁴ KARDEC, A. *O Céu e o Inferno (ou A Justiça Divina segundo o Espiritismo)*, Araras, IDE, 1991, pp. 9-88.

mulava-se o espírito crítico, a avaliação detalhada das mensagens dos mortos. Surgia uma proposta de inovação doutrinária a partir da observação e raciocínio positivo. Nenhuma afirmação ou doutrina deveria ser aceita sem a devida verificação.

E quem eram estes espíritos tão falantes? Os espíritos dos mortos, seres humanos despojados de seu corpo físico mas com suas personalidades, conhecimentos profundos ou vulgares, sentimentos bons ou maus, almas envoltas em um veículo etéreo, sutil, continuando a existir após a morte e conservando o poder de manifestar-se aos vivos:

“A alma é um espírito encarnado num corpo que o envolve.

Existem no homem três coisas: 1) O corpo ou ser material análogo ao dos animais e animado pelo mesmo princípio vital; 2) A alma ou ser imaterial, espírito encarnado dentro do corpo; 3) O liame que une a alma e o corpo, princípio intermediário entre a matéria e o espírito.

O homem tem assim, duas naturezas: pelo seu corpo ele participa da natureza animal donde provém os instintos; pela sua alma ele participa da natureza dos espíritos.”¹⁵

A metafísica e teologia desenvolvidas pelas doutrinas espiritualistas apresentaram-se de forma original baseadas em fatos tangíveis, os chamados “fenômenos sobrenaturais”: ruídos e barulhos sem causa aparente mas repetidos com regularidade intencional, mesas que levantavam, batiam ou giravam, materializações de formas e objetos, aparições, escritas automáticas através das quais aconteciam as comunicações entre mortos e vivos.

¹⁵ KARDEC, A. *O Livro dos Espíritos*, (ed. bilingüe comemorativa dos 100 anos de lançamento do livro), SP, Ed. Ismael, 1957, pp. 10-1.

Os desencarnados não eram mais puros espíritos. Sua presença sentida, pressentida em certos casos, podia impressionar chapas fotográficas, marcar moldes de cera e gesso dentro de caixas lacradas, erguer, transportar, materializar e desmaterializar objetos em compartimentos fechados, tocar instrumentos musicais, produzir odores agradáveis ou apresentar-se numa identidade visível à semelhança do corpo de sua existência material.

As representações da sobrevivência espiritual dos desencarnados em formas fluidas, diáfanas, etéreas formavam imagens românticas. Expressavam uma particularidade da época na qual materialidade e fluidez podiam ser representadas e explicadas em associação com a energia e luz elétricas. Esta era a magia dos espetáculos da feérica LOIUE FULLER, encantadora bailarina dos teatros da *Belle Époque* com seus espetáculos de dança, jogos de luz e sombra que lhe conferiam um aspecto mágico e sobrenatural.

Estes contatos regulares entre vivos e mortos tinham como objetivo central trazer as “revelações” dos Espíritos sobre a morte, a vida após a morte e a questão do aprimoramento espiritual. Novas imagens do Céu, Inferno, das penas espirituais compunham um outro imaginário religioso bem diferente do tradicional da religião cristã, acenando com novas promessas de salvação e esperança, livres das condenações eternas que pesavam nas consciências carregadas de culpas.

As separações entre mortos e vivos atenuaram-se. O macabro e fantasmagórico que povoavam a literatura, a imaginação e as esperanças religiosas deste período transformaram-se na constatação da presença dos desencarnados, dos mortos entre os vivos, pela transferência para o Além das exigências sentimentais e afetivas da vida material e também das situações espirituais e emocionais da existência humana. Alguns contos de EDGAR POE pareciam antecipar e pressentir este surto espiritualista em torno dos espíritos desencarnados que

assomaria, os Estados Unidos até se espalhar pela Europa em meados do século XIX.

A região dos Espíritos, o Outro Lado, as “Vozes do Além” emergiram com uma solene sabedoria. Novas formas e possibilidades de conhecimento foram reveladas através de um canal diferente de comunicações e ensinamentos. Podia-se aprender, de agora em diante, não somente nas salas de aula, laboratórios, igrejas, através de livros mas, diretamente, dos próprios mortos em pleno século da razão e do cientificismo. Relatos consoladores, histórias romanceadas caminhavam, par a par, com as experiências científicas, construções de doutrinas filosóficas e religiosas, ensinamentos éticos e morais, além do estudo de outras religiões sobretudo antigas e orientais.

O movimento espiritualista no século XIX incentivava o estudo, a aquisição de conhecimentos, o aprimoramento intelectual e moral, em suma, a transformação do próprio homem. A educação passou a ser um fator benéfico na compreensão de mensagens mais profundas, de ensinamentos mais elevados, que viriam mudar homens e a sociedade tornando-a mais justa e igualitária. Sob este ponto de vista estava junto com todas as propostas sociais não revolucionárias de transformação dos homens e da sociedade. O anti-clericalismo, o anti-institucionalismo, o livre-pensamento, o papel preponderante dado à instrução de homens e mulheres de qualquer classe social, uma visão regeneradora da sociedade através de novos valores éticos e morais, a derrubada de barreiras que separavam sexos, classes, raças, credos, apareciam em diferentes níveis dos discursos e imaginários espiritualistas.

O ESPIRITISMO FRANCÊS DENTRO DO ESPIRITUALISMO

A morte parecia não mais arrebatara as pessoas. Os entes queridos e os afetos prolongavam-se nos contatos promovidos pelos médiums, pessoas dotadas de uma capacidade especial para servirem de

meio ou veículo nas manifestações espirituais. O sentimento de ultrapassar a morte, de poder conhecer o que de fato se passava após a morte, a espera das reuniões no Além, a certeza da imortalidade da alma, pareciam orientar a busca destas novas formas religiosas. O espiritualismo revelava-se de forma ampla e difundida, prolongando-se em ciências agnósticas dos fenômenos espirituais, sem preocupações escatológicas ou religiosas.

Explorar a morte e o mundo dos espíritos transformava-se numa maneira de abordar o insondável, de alcançar uma compreensão mística com a eternidade, uma comunhão com o Infinito Cósmico, com a Natureza Universal e Eterna, apoiada na Razão Científica e no empirismo do século XIX.

Tradicionalmente os fenômenos observados no ano de 1847, em HYDESVILLE nos Estados Unidos, são considerados como a gênese do espiritualismo, que ganharia a expressão filosófico-doutrinária na França alguns anos depois. Em uma granja nesta cidade do Estado de Nova York, a família metodista dos FOX, os pais e suas filhas *Margareth* e *Katie* (de, respectivamente, 12 e 15 anos), passaram por uma série de acontecimentos insólitos: objetos movendo-se espontaneamente, golpes e pancadas sobre os móveis e as paredes sem nenhum tipo de interferência física. As duas meninas começaram a perceber que os golpes não eram dados aleatoriamente, sendo, inclusive, possível estabelecer um contato inteligível com os espíritos produtores dos sons, através de um código associando o número de pancadas com as letras do alfabeto.

A notícia do acontecimento espalhou-se pela região e, rapidamente, para o resto do país de forma prodigiosa. As irmãs FOX tornaram-se conhecidas. Em 14 de novembro de 1849, foi realizada no CORINTHIAN HALL a primeira grande reunião dos “novos espiritualistas”. Suscitando conversões e violentos adversários, o movimento continuou a sua propagação espalhando-se para o outro lado do Atlântico, onde, na França, iria tomar a forma de doutrina filosófica-científica.

Como curiosidade e passatempo de salão surgiram as reuniões em torno de mesas girantes. Em seguida, a escrita com um lápis preso numa cesta e, posteriormente, através da mão dos médiuns. Estas manifestações foram alvo de comentários, porém nada levava a crer que fossem despertar interesse em meios científicos e intelectuais.

Neste mesmo período várias pessoas estudavam os fenômenos espirituais dedicando-se a sua divulgação. Nos Estados Unidos Andrew Jackson Davis em transe inconscientes ditava obras inspiradas pelos espíritos dos mortos, particularmente por Galeno e Swedenborg. Uma destas obras, publicada em 1847, *Os Princípios da Natureza*, fez grande sucesso entre intelectuais como ARTHUR CONAN DOYLE e EDGARD ALLAN POE contando com dezenas de edições. Baseado nas visões do Além que teve, de um lugar chamado Summerland para educação infantil, JACKSON tentou concretizá-lo no plano terrestre. Para tanto fundou em 1863 o Liceu Espiritista, em Dodsworth Hall, NY, num movimento com ramificações pelos Estados Unidos, Canadá, Austrália, Inglaterra.

O Espiritualismo americano teve centenas de médiuns, teóricos, estudiosos, milhares de simpatizantes e adeptos. Destacam-se personagens como o médium DANIEL DOUGLAS HOME, em 1850, o juiz e senador JOHN W. EDMONDS que, junto com o Governador NATHANIEL TALLMADGE e o cirurgião GEORGE DEXTER, publicou, em 1853, um livro sobre doutrinas e teorias baseadas nos contatos entre mortos e vivos, nas revelações sobre o além-túmulo.¹⁶

Talvez um dos melhores exemplos deste espiritualismo americano seja a figura de EPES SARGENT (1813-1880) que escreveu, em 1880, um livro intitulado *The Scientific Basis of Spiritualism*. O autor estudou em Boston, era jornalista e freqüentava os seletos grupos intelectuais americanos deste período, incluindo LONGFELLOW,

¹⁶ *O Reformador*, abril de 1978 e *Anuário Espírita de 1964*.

CATHERINE SIDGWICK, NATHANIEL HAWTHORNE, EDGAR ALLAN POE. Nos últimos trinta anos de sua vida começou a interessar-se pelo Espiritualismo em voga tendo feito contato com o movimento europeu. Nesta obra ele destaca aquilo que considera como os princípios realmente verdadeiros do espiritualismo:

“Já ficou dito que o espiritualismo não é uma forma de religião. Ele só é religião quando busca verificar os grandes fatos da existência de Deus e da imortalidade. Prova a existência de seres etéreos, exercendo um poder preter-humano sobre a matéria; ainda mais: prova como nossos amigos mortos ainda estão vivos e, como conseqüência, que deve existir um mundo espiritual, por impenetrável que seja aos sentidos mortais.”¹⁷

A argumentação espiritualista de SARGENT revela influência das leituras de SWEDENBORG e do contato com grupos de swedenborguianos americanos bem como conceitos científicos extraídos de LEIBNITZ, SPENCER, WUNDT, CUVIER, LAPLACE, DESCARTES, princípios filosóficos de SCHELLING, FICHTE, COLERIDGE, LESSING, PLOTINO, teorias mesméricas e de HAHNEMANN com a divulgação dos princípios da medicina homeopática. Incorporou também a idéia do Ser Supremo característica do deísmo do século XVIII, definido como um ser superior com inteligência e vontade, além de Consciência ativa.

O movimento espiritualista nos Estados Unidos floresceu rapidamente sofrendo uma curiosa integração com o protestantismo dos diferentes grupos e seitas por meio de um forte enfoque educacional, diversas publicações, centros e grupos de estudo. Deste movimento ori-

¹⁷ Edição da FEB, RJ, 1982, p. 341. Traduzido para o português como *As Bases Científicas do Espiritismo* numa clara tendência que o movimento espírita tem em não considerar as diferenças teóricas, religiosas e filosóficas de movimentos espiritualistas diferentes.

ginaram-se Igrejas e seminários espiritualistas formando médiuns profissionais, futuros chefes destas Igrejas, onde se estudava reencarnação, anatomia e fisiologia ocultas, oratória, ritual e liturgia, história do espiritualismo, mediunidade, estrutura e história bíblica, fenômenos psíquicos, administração e metafísica nos negócios. Toda esta formação e atuação dava-se, como nas Igrejas evangélicas, mediante pagamento e a comunidade encarregava-se da manutenção das Igrejas, dos médiuns e dos líderes espiritualistas.¹⁸

Outro exemplo daqueles que baseavam suas crenças e teorias em contatos espirituais foi o do magnetizador francês LOUIS ALPHONSE CAHAGNET. Desde 1840 ele dizia manter contatos com o Além através de seus pacientes submetidos ao magnetismo. Em 1847, publicou uma volumosa obra espiritual ditada pelos desencarnados intitulada *Arcanes de la vie future dévoilés*. Em 1852 fundou uma Sociedade dos Estudantes Swedenborguianos para pesquisar as relações com entes de além-túmulo. Continuou publicando uma vasta obra sobre o tema como *Sanctuaire du Spiritualisme, Lumière des Morts* ou *Études magnétiques, philosophiques et spiritualistes, Révelations d'outre-tombe*.

A influência desta sensibilidade espiritualista foi grande também na literatura. JESUS PALÁCIOS em *Los Vigilantes del Más Alla: Antologia de investigadores del sobrenatural* (Valdemar Ed., Madrid, 1990) afirma que o apogeu do espiritualismo, do espiritismo, do ocultismo, da sociedade teosófica, foi também o da psicanálise emergente, da ciência física e biológica. Do cruzamento destas diferentes tendências surgem também gêneros literários que introduziram o sobrenatural, o fantástico e o paracientífico. Seus personagens centrais são autênticos espiritualistas, ocultistas, conhecedores dos fenômenos

¹⁸ Não houve nos EUA a penetração da doutrina espírita desenvolvida pelo kardecismo francês. Diga-se, de passagem, que o movimento espiritualista americano, assim como o inglês, foi diferente do francês e do brasileiro.

sobrenaturais e paranormais, pioneiros de uma nova ciência e da codificação metodológica do fantástico:

“De hecho, como creación que son de sua época, una época en que lo sobrenatural toma carta de posibilidad científica o, por lo menos, paracientífica, responden a la necesidad íntima de oponer a lo inexplicable, a lo mágico, una solución dentro de la lógica misma de lo sobrenatural y pseudocientífico. Magia Blanca versus Magia Negra. Sherlock Holmes persigue a Moriarty con métodos idénticos a los de su némesis y antítesis: deducción, astucia, procedimientos científicos, velocidad... Nuestros cazafantasmas hacen lo propio con sus enemigos del Más Allá y utilizan viejas fórmulas medievales, manuscritos nigrománticos, hechizos e talismanes, junto a cámaras fotográficas, campos de fuerzas inducidos por electricidad, hipnosis y, incluso, revólveres.” (op. cit. p. 11).

São os vampiros e seus caçadores, com o Dr. VAN HELSING do **Drácula** de STOKER, os investigadores espíritas de BULWER LYTTON entre outros, que fornecem elementos de magia, sobrenatural e suspense aos romances, contos, novelas de natureza policial e espiritual.

Este surto espiritualista permitiu a formação de um movimento específico na França conhecido, posteriormente, como Espiritismo. Foi um francês, HIPPOLYTE-LÉON DENIZARD RIVAIL, nascido em Lyon a 3 de outubro de 1804, quem construiu um determinado corpo teórico de natureza filosófico-científica e sistematizou as revelações transcendentes ditadas pelos Espíritos. Com uma educação acadêmica tradicional, formado no Instituto de Educação do Professor PESTALOZZI na Suíça, RIVAIL foi durante muitos anos um dedicado professor, diretor de Liceu e escritor de livros de ciências e matemática. Preocupado com a investigação pedagógica onde sobrepunha a razão a qualquer forma de afirmativa dogmática, fosse religiosa ou científica, ele defendia o direito de livre exame em qualquer matéria tanto de fé como em

outra forma de conhecimento, combatendo a intolerância e o dogmatismo religioso.¹⁹

Em 1823, RIVAIL começou a pesquisar e estudar o sonambulismo e o magnetismo, assim como suas aplicações terapêuticas tornando-se ele mesmo um experiente magnetizador, integrando a Sociedade de Magnetismo de Paris. Este conhecimento permitiu-lhe, inclusive aquilatar a afinidade entre o magnetismo e as manifestações espíritas, percebendo que todos estes fenômenos obedeciam às mais estritas leis naturais. Ora, o mesmerismo e o magnetismo animal já no século XVIII foram estudados por ROBERT DARNTON em *O Lado Oculto da Revolução: Mesmer e o final do Iluminismo na França* (Cia das Letras, SP, 1988). O mesmerismo e o magnetismo animal fazem parte do imaginário cosmológico ocidental desta época cuja tendência era a de misturar pesquisa experimental com pensamento especulativo e místico, sobretudo numa fascinação pelos fenômenos de natureza magnética e elétrica. Certos filósofos da Natureza no século das Luzes, como J. L. FRICKER, chegaram a elaborar uma teologia da eletricidade.²⁰ A base destas doutrinas, popularizadas no século XVIII por FRANZ ANTON MESMER (1734-1815), trabalha com a idéia da existência de um fluido invisível espalhado por todas as partes do Universo servindo de veículo entre os corpos celestes, a Terra e os corpos inanimados. A manipulação, reintegração e concentração deste fluido magnético promovia a rearmonização e cura de doenças.

Se o mesmerismo e o magnetismo animal acabaram por criar correntes intelectuais e despertar interesses tanto de reformadores sociais e políticos como em setores populares às vésperas da revolução

¹⁹ WANTUIL, Z/THIESEN, L. *Allan Kardec: pesquisa bibliográfica e ensaios de interpretação*, 2 vols, RJ, FEB, 1988.

²⁰ Ver FAIVRE, ANTOINE. *Access to Western Esotericism*, State University of NY Press, NY, 1994, pp.76-7.

francesa, é certo também que fascinou alguns filósofos ecléticos no século XIX na tentativa de encontrar novos caminhos e teorias gerais que não fossem dependentes da velha Razão. No misticismo religioso, segundo a interpretação de DARNTON, foi encontrada a fonte do irracional que irrompeu no swedenborguismo, no martinismo, no rosacruicismo e nas diversas correntes espiritualistas do XIX fascinadas pelo sobrenatural, incluindo o próprio espiritismo de ALLAN KARDEC, a literatura espiritualizada, as utopias sociais místicas, entre outras.

Em outubro de 1858 na *Revue Spirite - Journal d'Etudes Psychologiques* a questão da relação entre o magnetismo e os fenômenos espirituais é o centro de uma matéria do periódico tornando-se constante durante todo este período do movimento espírita:

“O Espiritismo liga-se ao magnetismo por laços íntimos (essas duas ciências são solidárias uma com a outra; e, todavia, quem o teria acreditado? (...). Os Espíritos sempre preconizaram o magnetismo, seja como meio curativo seja como causa primeira de uma multidão de coisas; eles defendem sua causa e vem prestar-lhe apoio contra seus inimigos. Os fenômenos espíritas abriram os olhos de muitas pessoas que ao mesmo tempo se juntaram ao Magnetismo” (op. cit. p. 278)

Este Mesmerismo repensado no século XIX também aparecerá, anos mais tarde, na obra de 1886 intitulada *O Espiritismo: O Faquirismo Ocidental* do médico espiritualista francês PAUL GIBIER, diretor do Instituto Bacteriológico do Instituto PASTEUR e Assistente de Patologia do Museu de História Natural de Paris. Para GIBIER os fenômenos espirituais não são místicos ou sobrenaturais porém ocorrem dentro das mais estritas leis da natureza, devendo ser estudados à luz da ciência:

“O estudo do magnetismo e do hipnotismo é de alguma sorte a entrada em matéria preparatória ao estudo dos fatos devidos a

força psíquica, sendo esta a denominação que se deu ao agente particular que preside os fenômenos chamados espiritualistas e estes surpreendem menos depois da observação dos primeiros.”
(op. cit. p. 10-1.)

A história das relações entre as teorias mesméricas e espiritualistas perpassará diferentes correntes e tendências do movimento espiritualista do século XIX tendo, inclusive, uma faceta popular que se expressou na sua utilização em espetáculos circenses e teatrais. Exibições de mágica, hipnotismo e de feitos mediúnicos fizeram parte deste tipo de atividade artística. Regina Horta Duarte em seu trabalho *Noites Circenses: Espetáculos de Circo e Teatro em Minas Gerais no século XIX* (Ed. da Unicamp, SP, Campinas, 1995, pp. 174-5) fala desta relação entre espetáculos artísticos, a mágica e o “espiritismo moderno” no centro das representações teatrais e circenses do século XIX. Este espiritualismo popular é um interessante campo para pesquisas.

Entre os anos 1849-1850 a atenção de KARDEC voltou-se para os fenômenos sobrenaturais da época, estudados de acordo com seu espírito racional e princípios científicos. Em maio de 1855, começou a frequentar sessões de comunicação espiritual. Repetindo observações e experiências concluiu sobre a natureza espiritual e inteligente dos fenômenos. Entreviu a possibilidade de uma nova lei sobre a condição da Alma após a morte, a condição dos espíritos e a prova definitiva da imortalidade da alma. Nesta época, RIVAIL começou a organizar os seus estudos sobre a matéria.

Em 30 de abril de 1856, após ter recebido uma comunicação espiritual, ficou incumbido de organizar e codificar a doutrina espiritual que deveria revolucionar o pensamento filosófico, religioso e científico, apoiada nas comunicações entre os mortos e os vivos, os encarnados e os desencarnados.²¹ Nesta ocasião ele recebeu nome de origem céltica

²¹ KARDEC, A. A *Viagem Espírita em 1862*, Matão, O Clarim, 1968, pp. 148-...

ALLAN KARDEC, equivalente a uma encarnação anterior na época dos druidas, o pseudônimo de toda a sua obra. A ele foi atribuída a responsabilidade de sistematizar uma doutrina de esperança, de consolo e de solidariedade universal. É interessante notar que um dos pilares teóricos do Espiritismo francês, a doutrina de reencarnação e transmigração da alma, neste momento não vinha de tradições orientais mas era profundamente matizada pelo neoplatonismo e pelas recém-valorizadas crenças religiosas dos druidas, num momento de forte nacionalismo e tradicionalismo pelo passado na história da França. Serão seus seguidores posteriores, sob influência do orientalismo, quem lançarão novas perspectivas sobre este tema.

ALLAN KARDEC construiu todo o edifício teórico do Espiritismo moderno baseando-se na massa das comunicações mediúnicas recebidas. Começou a levar para as sessões uma série de perguntas sobre diversos problemas e a estudar as respostas dadas pelos espíritos. Quando verificou a qualidade do material recolhido e as proporções do que tinha em mão, resolveu publicar os ensinamentos, previamente revistos pelos espíritos. Foi a primeira obra espírita, O Livro dos Espíritos, publicado em 18 de abril de 1857, fruto das revelações dos espíritos após observações, comparações e julgadas pelo seu organizador.

Mas antes de proceder à sistematização e publicação, KARDEC verificou que os fatos e princípios do Espiritismo estavam em todas as formas de crenças, religiões, em diferentes épocas e regiões. Assim sendo, para KARDEC, o Espiritismo tinha por base as verdades de todas as religiões, de muitas filosofias antigas e, no século XIX, sustentava-se nas verificações científicas. Seria, portanto, o elemento de ligação entre todas as crenças, a base de unidade religiosa e livraria a ciência de seu materialismo estéril. O Espiritismo funcionaria como elemento principal de progresso moral e intelectual, de unificação social dos homens, povos, sexos, a chave da fraternidade universal.

Após a publicação, em 8 de abril de 1857, do *O Livro dos Espíritos*, vieram outras obras famosas: *O Livro dos Médiuns* (em 1861, relativo a parte experimental e científica da nova doutrina); *O Evangelho segundo o Espiritismo* (em abril de 1864 com a parte moral da Revelação); *O Céu e o Inferno* ou *A Justiça de Deus segundo o Espiritismo* (em 1865, com uma nova interpretação das penas espirituais após a morte); *A Gênese, os Milagres e as Predições* (em 1868, apresentando as novas leis decorrentes da observação dos fenômenos espíritas). Em 1858 foi fundada a *Revue Spirite* e a *Société Parisienne d'Étude Spirites*. Toda esta organização resultou numa forte expansão do movimento espírita francês, inclusive no Brasil, e que teve seus continuadores, após a morte de Kardec em 1869, em dois outros grandes teóricos: GABRIEL DELANNE e LÉON DENIS.

Para KARDEC, o Espiritismo atravessaria diversas fases. A primeira delas foi a curiosidade despertada pelas mesas girantes. A segunda comportaria o período filosófico-científico, de codificação e organização da doutrina. O terceiro período seria de luta, e começara com o auto de fé de Barcelona, em 9 de outubro de 1861, quando livros espíritas e a efígie de KARDEC foram queimados em praça pública, na última atuação da Inquisição da Igreja. Neste período, o Espiritismo seria atacado de forma violenta pela religião institucional e pelo materialismo. Estes ataques preparariam o quarto período do movimento marcado pela religião. O quinto período ampliaria o movimento, agora filosófico, religioso e científico. O sexto período abriria o século XX com a Renovação Social, conduzindo a Humanidade a uma fase de união, de paz, igualdade e fraternidade.

Em que consistiu a doutrina espírita proposta por ALLAN KARDEC? No que diferia dos outros movimentos espiritualistas da mesma época? Quais os pressupostos fundamentais de seus dogmas? O centro doutrinário foi o primeiro esclarecimento apresentado no *Li-*

uro dos Espíritos tendo como base Deus como causa primeira e constante, a supremacia da existência espiritual e a presença constante e inequívoca dos Espíritos:

“RESUMO DA DOUTRINA DOS ESPÍRITOS

Os seres que se manifestam designam-se a si mesmos, como dissemos, pelo nome de Espíritos ou Gênios, e dizem, alguns pelo menos, que viveram como homens na Terra. Constituem o mundo espiritual, como nós constituímos, durante a nossa vida, o mundo corporal.

Resumimos em poucas palavras os pontos principais da doutrina que nos transmitiram, a fim de mais facilmente responder a certas objeções:

Deus é eterno, imutável, imaterial, único, todo-poderoso, soberanamente justo e bom. Criou o Universo, que compreende todos os seres animados e inanimados, materiais e imateriais.

Os seres materiais constituem o mundo visível ou corporal e os seres imateriais o mundo invisível ou espírita, ou seja, dos Espíritos.

O mundo espírita é mundo normal, primitivo, eterno, preexistente e sobrevivente a tudo.

O mundo corporal é secundário, poderia deixar de existir ou nunca ter existido, sem alterar a essência do mundo espírita.

Os Espíritos revestem temporariamente um invólucro material perecível e sua destruição pela morte os devolve à liberdade.

Entre as diferentes espécies de seres corporais, Deus escolheu a espécie humana para a encarnação dos Espíritos que chegaram a um certo grau de desenvolvimento, o que lhe dá superioridade moral ante as demais.

A alma é um espírito encarnado e o corpo apenas o invólucro.

Há no homem três coisas: 1) O corpo ou ser material, semelhante ao dos animais e animado pelo mesmo princípio vital; 2) A alma ou ser imaterial, espírito encarnado no corpo; 3) O laço que une a alma ao corpo, princípio intermediário ente a matéria e o Espírito. (...).

O laço ou perispírito que une corpo e Espírito é uma espécie de invólucro semimaterial. A morte é a destruição do invólucro mais grosseiro. O Espírito conserva o segundo, que constitui para ele um corpo etéreo, invisível para nós no seu estado normal, mas que ele pode tornar acidentalmente visível e mesmo tangível, como se verifica nos fenômenos de aparição.

O Espírito não é, portanto, um ser abstrato, indefinido, que só o pensamento pode conceber. É um ser real, definido, que em certos casos pode ser apreendido pelos nossos sentidos da vista, da audição e do tato.”²²

Na supremacia da existência espiritual, duas noções se sobrepunham para explicar a vida material: a doutrina da evolução espiritual como conseqüência da lei da ação e reação, o karma e as reencarnações, mecanismos necessários para o aprimoramento dos homens, através da purificação nos sofrimentos e dores da vida encarnada para alcançar hierarquias espirituais superiores.²³

A questão da reencarnação foi um tema que separou o movimento, um marco divisor das diferentes tendências espiritualistas então em voga. O espiritualismo anglo-saxão desenvolveu-se sem ter a reencarnação e o karma nas suas bases doutrinárias. Porém estes temas foram as bases de outros movimentos espiritualistas como, por exemplo, a Sociedade Teosófica e os Rosacruzes.

²² *O Livro dos Espíritos*, pp. 23-4.

²³ *O Livro dos Espíritos*, p. 24.

O Espiritismo não pretendeu ser uma invenção moderna e, sobretudo com relação à reencarnação, encontrou na remota antigüidade os pontos de contato e de referência da doutrina divulgada pelos Espíritos.²⁴

Desta forma, a idéia de reencarnação, cara às tradições religiosas orientais, foi renovada dentro do pensamento espiritualista ocidental. Em realidade, durante o século XIX, na trilha do Romantismo um sentimento reencarnacionista começava a difundir-se pelo Ocidente. Grandes escritores desta época, VITO HUGO, LAMARTINE, FLAUBERT, GÉRARD DE NERVAL, BALZAC, SHELLEY, LONGFELLOW, WALT WHITMAN, EDGAR ALLAN POE, impregnaram suas obras, romances e poemas, desta atmosfera.

Esta sensibilidade espiritualista e reencarnacionista teve, na segunda metade do século XIX, uma organização filosófico e religiosa específica no Espiritismo de ALLAN KARDEC, construindo a doutrina das vidas sucessivas como dogma central.

A partir do final do século XIX, os adeptos ocidentais do reencarnacionismo sobretudo os espíritas e teósofos, inspiraram-se cada vez mais nas religiões orientais, no neo-platonismo e em outras crenças religiosas da antigüidade, sobretudo nas doutrinas do karma e dos renascimentos.

Mas a doutrina oriental do karma, como o efeito do fazer, da lei de ação e reação, estava colocada no pensamento ocidental dentro do próprio conhecimento científico. O par “ação” e “reação” passou a ser de uso corrente como resultado da terceira lei do movimento de Newton; “a toda ação opõem-se sempre uma reação igual”. Partindo deste conceito de prestigiada ciência da mecânica e das leis imutáveis e naturais, o conceito estava pronto para espalhar-se por outros domínios, fossem eles políticos, sociais ou religiosos. O Espiritismo rein-

²⁴ *O Livro dos Espíritos*, p. 127.

terpretará o conceito das religiões orientais à luz das leis da ciência ocidental: uma lei natural e imutável, fonte das penas e sofrimentos que os homens tem durante a vida. Não eram punições divinas mas formas de resgatar ações praticadas durante existências anteriores.²⁵

Para o Espiritismo, a alma humana reencarnava sucessivas vezes para aprimorar-se e alcançar progresso espiritual. O conceito de reencarnação, assim como todo o resto da doutrina espírita, baseava-se nas idéias de evolução, progresso indefinido e justiça eterna, pois cada ser humano suportava, exclusivamente, as conseqüências de seus atos materiais e pensamentos. O progresso espiritual efetuava-se através de uma longa cadeia de existências encarnadas, provas e sofrimentos que contribuía para o aprimoramento do ser humano:

“Deixando o corpo, a alma volta ao mundo dos Espíritos, de que havia saído para reiniciar uma nova existência material, após um lapso de tempo mais ou menos longo durante a qual permanecerá no estado de espírito errante.

Devendo o Espírito passar por muitas encarnações, conclui-se que todos nós tivemos muitas existências e teremos outras, mais ou menos aperfeiçoadas, seja na Terra ou em outros mundos.

A encarnação dos espíritos ocorre sempre na espécie humana. Seria um erro acreditar que a alma ou espírito pudesse encarnar num corpo de animal.

As diferentes existências corporais do Espírito são sempre progressivas e jamais retrógradas, mas a rapidez do progresso depende dos esforços que fazemos para chegar à perfeição.”²⁶

²⁵ *O Livro dos Espíritos*, p. 75.

²⁶ *O Livro dos Espíritos*, p. 175.

A reencarnação simbolizava a justiça divina, a possibilidade da compreensão da Verdade Existencial e a purificação espiritual. Desta maneira, dentro da concepção evolutiva e progressista apresentada pela doutrina espírita, os ciclos sucessivos de reencarnação permitiam o aprimoramento da alma para chegar às formas espirituais superiores e puras, cumprindo missões cada vez mais adequadas, até alcançar os estágios superiores da espiritualidade. As existências sucessivas revelavam a face de Deus em sua dimensão consoladora, conforme a justiça mais rigorosa, segundo a qual a cada um seria dada a medida exata de seus atos, oferecendo assim a tábua de salvação da misericórdia divina.²⁷

Um outro ponto importante desta doutrina estava na concepção de Deus. Acima de todas as dimensões espirituais encontrava-se um Deus eterno, infinito, todo-poderoso, bom e justo, bastante semelhante ao Deus Supremo da teologia e metafísica cristãs. O Espiritismo definiu-se no âmbito do Cristianismo. O próprio ALLAN KARDEC acreditava que as novas revelações completavam e explicavam a doutrina cristã, de acordo com a razão e a ciência da nova época:

“O Espiritismo é a ciência nova que vem revelar aos homens, por meio de provas irrecusáveis, a existência e a natureza do mundo espiritual e as suas relações com o mundo corpóreo. Ele nos mostra, não mais como coisa sobrenatural, porém, ao contrário, como uma das forças vivas e sem cessar atuantes da natureza, como a fonte de uma imensidade de fenômenos até hoje incompreendidos e, por isso, relegados para o domínio do fantástico e do maravilhoso. É a essas relações que o Cristo alude em muitas circunstâncias e daí vem que muito do que ele disse permaneceu ininteligível ou falsamente interpretado. O Espiritismo é a chave com o auxílio da qual tudo se explica de modo fácil.”²⁸

²⁷ KARDEC, A. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, RJ, FEB, 1978, p.49.

²⁸ *O Livro dos Espíritos*, p. 25.

O Espiritismo era Cristianismo na prática moral dos ensinamentos evangélicos, explicando uma rigorosa justiça divina permitindo aos homens alcançar a felicidade futura. O Espiritismo reviu a moral cristã à luz dos ensinamentos dos Espíritos, fundamentando a lei evangélica na relação permanente entre os vivos e os habitantes do mundo invisível.

O Espiritismo apareceu como a nova revelação, na senda de Moisés e Cristo. As instruções dos Espíritos, falavam de uma aliança entre a Ciência e a Religião, as duas alavancas da inteligência humana, que inauguram uma Nova Era, na qual os ensinamentos de Cristo seriam completados sobretudo em relação à vida futura. Se no Cristianismo esta era uma questão de fé, com o Espiritismo transformou-se numa realidade material demonstrada pelas comunicações espíritas.

Assim sendo, o Espiritismo seria o cumprimento da profecia de Cristo sobre o consolador, o Espírito da Verdade (João XIV, 15-17,26), esclarecendo aquilo que faltou na pregação anterior, principalmente para o homem conhecer de onde vinha, para onde ia e a verdadeira consolação, fé e esperança, de acordo com a razão e o conhecimento lógico, sem superstições e dogmas inexplicáveis.

Toda a concepção do Além e da existência após a morte desenvolvida pelos espíritas repousava sobre uma divisão tripartida do ser humano e na existência de uma hierarquia espiritual. Assim, o homem compunha-se de três elementos: o corpo material, sendo um simples invólucro sujeito à degradação após a morte, a alma, o princípio imaterial, intelectual, moral, espiritual que sobrevivia à morte; o perispírito, o "corpo sutil", o fluido vital, a energia pura que animava o corpo, uma forma específica de fluido cósmico universal, o meio pelo qual o princípio imaterial agia sobre a matéria:

“O homem é assim formado de três partes essenciais:

- 1) O corpo ou ser material, semelhante ao dos animais e animado pelo mesmo princípio vital;

- 2) A alma, Espírito encarnado, do qual o corpo é a habitação;
- 3) O perispírito, princípio intermediário, substância semi-material, que serve de primeiro envoltório ao Espírito e une a alma ao corpo. Tais são num fruto, a semente, a polpa e a casca.”²⁹

A definição de alma tinha uma explicação. Na alma individual, simultaneamente, integravam-se o todo Divino e Universal e a parcela Una individual de cada ser humano formando uma personalidade moral e imortal. Este era o espírito desencarnado que sobrevivia nas diferentes dimensões espirituais. Alma era assim definida:

“Pensamos que o mais lógico é tomá-la na sua significação mais vulgar, e por isso chamamos alma ao ser imaterial e individual que existe em nós e sobrevive ao corpo.”³⁰

O Espiritismo também reapropriou e utilizou a crença nos Anjos da Guarda ou Protetores espirituais, largamente difundida como uma das expressões mais tradicionais do pensamento religioso. Tendo como ponto de partida o fato de que anjos e demônios faziam parte da hierarquia espiritual, sendo os anjos os Espíritos adiantados e superiores enquanto os demônios situavam-se nas escalas espirituais mais inferiores das emoções e apegos, os Anjos da Guarda ou, na forma espírita, os Espíritos Protetores, adquiriram uma nova perspectiva. Afiguravam-se como uma forma de proteção espiritual pessoal, menos celestial e mais próxima das dimensões afetivas humanas. A figura dos desencarnados protetores era antropomorfa. Na verdade, o Espiritismo modernizou a imagem do Anjo da Guarda, tirando-lhe as asas, a camisola, dando uma aparência mais atual e condizente com os novos tempos do progresso e da razão do século XIX.

²⁹ *O Livro dos Espíritos*, p. 15.

³⁰ *O Livro dos Espíritos*, p. 215.

O Espiritismo também reinterpreto, as noções de gozo e pena, relativizando tanto a felicidade como a infelicidade terrenas e espirituais. Na perspectiva de aprimoramento, educação, purificação e evolução dos ciclos reencarnatórios, a crença espírita ofereceu novas esperanças e consolações. Os sofrimentos de qualquer qualidade ou dimensão tornavam-se simples conseqüências das infrações cometidas pelo indivíduo durante suas existências corpóreas.

A relação com os mortos, a certeza de que a morte não rompia as uniões, os afetos, a individualidade e não representava uma aniquilação mas, pelo contrário, significava a etapa mais importante da existência, foi fundamental para a rápida expansão e aceitação do espiritualismo, em geral, e do espiritismo, em particular. Uma expressão religiosa de salvação e de consolação bem ao gosto com as necessidades de uma época:

“A doutrina espírita, pelas provas patentes que nos dá quanto à vida futura, à presença ao nosso redor dos seres aos quais amamos, à continuidade da sua afeição e solicitude, pelas relações que nos permite entreter com eles, nos oferece uma suprema consolação, numa das causas mais legítimas de dor. Com o Espiritismo não há mais abandono. O mais isolado dos homens tem sempre amigos ao seu redor, com os quais pode comunicar-se.

Suportamos impacientemente as atribulações da vida. Elas nos parecem tão intoleráveis que supomos não as poder aguentar. Não obstante, se as suportarmos com coragem, se soubermos impor silêncio às nossas lamentações, haveremos de nos felicitar quando estivermos fora desta prisão terrena, como o paciente que sofria se felicita ao se ver curado, por haver suportado com resignação um tratamento doloroso.”³¹

³¹ *O Livro dos Espíritos*, pp. 374-5.

Embora a morte pudesse representar descanso e libertação das penas terrenas, a continuação da consciência individual após a morte e da essência moral e mental acabavam por remeter a penas ou recompensas na vida futura e espiritual.³²

O Espiritismo articulava-se com a idéia de progresso, com a ética do trabalho. Morrer não excluía os homens da obrigação de trabalhar pelo seu aprimoramento espiritual, de cooperar para a transformação e melhoramento dos indivíduos e da sociedade. Homens, mulheres, jovens, idosos, pobres ou ricos, vivos e mortos, todos deviam empenhar-se numa luta pelo progresso espiritual, moral, social, em todos os momentos de sua existência corpórea ou espiritual, sem cessar em nenhum momento. Portanto, não podiam aceitar um *post-mortem* que não permitisse a ação individual e coletiva na sociedade, compreendida por todos os vivos de qualquer categoria ou gênero, assim como pelos desencarnados de diferentes níveis espirituais. Os mortos tanto ajudavam como eram ajudados pelos vivos, assim como a recíproca era verdadeira.

Para o Espiritismo, a crença comum que separava mortos e vivos aparecia como a fonte dos males sociais e do medo da morte. A imagem do eterno adeus servia apenas com um terreno de angústias, prenunciando o frio da morte e a perda dos laços que uniam os homens às coisas amadas:

“A crença vulgar coloca, por outro lado, as almas em regiões inacessíveis, com dificuldade ao pensamento, onde elas se tornam de alguma forma, estranhas aos sobreviventes; a própria Igreja coloca, entre elas e os últimos, uma barreira intransponível: ela declara que toda relação está rompida, toda comunicação é impossível. Se estão no inferno, a esperança de revê-los está para sempre perdida, a menos que para lá se vá por si mesmo; se estão

³² KARDEC, A. *O Céu e o Inferno*, FEB, RJ, 1977, p. 20.

entre os eleitos, estão completamente absorvidos pela atitude contemplativa. Tudo isto coloca entre os mortos e os vivos uma distância eterna; (...).³³

Na doutrina espírita, a morte não existia e não havia motivo para temê-la. A alma, após a morte, não era uma abstração. Possuía um corpo etéreo, um ser definido, com idéias, individualidades, aptidões e percepções. Os mortos apareciam como seres dotados de personalidade, vontade e permaneciam ao redor dos vivos. Não estavam em imaginárias projeções celestiais ou profundezas infernais, ardendo sob castigos ou em plácida beatitude pela eternidade. A crença espírita passou a significar a ausência de temor quanto ao futuro espiritual, a certeza do progresso tanto na existência terrena como no plano imaterial.

Desta maneira, a doutrina espírita reavaliou Céu, Inferno ou Purgatório à luz de suas concepções. Rompeu a noção de espaços fechados e determinados, característico das antigas teogonias para de acordo com a lógica e as modernas descobertas astronômicas, determinar a inexistência de lugares marcados para a existência espiritual. O mundo espiritual estava espalhado pelo Universo. O Espiritismo deslocou o centro e as dimensões espirituais, a noção de moradas do além localizadas em esferas ou espaços celestiais escalonados de acordo com os merecimentos religiosos na vida.

O céu, inferno ou purgatório eram, portanto, concebidos no plano puramente espiritual e as penas, que não eram eternas, refletiam, exclusivamente, as torturas morais diante dos erros praticados em vida e que acompanhavam o Espírito após a morte. Estas mesmas penas também determinavam a reencarnação para cumprir sua evolução e purificação através do sofrimento, nas agruras e dificulda-

³³ KARDEC, A. *O Céu e o Inferno*, FEB, RJ, 1977, pp. 22-5.

des materiais da vida terrena. Tratava-se de uma prova da Justiça Divina permitindo aos homens a chance da remissão de seus erros, de aprimoramento espiritual em direção a um grau cada vez mais elevado.³⁴

A figura humana intermediária das comunicações entre mortos e vivos era o médium, o elo de ligação entre os espíritos e os homens. Sem esta figura não havia comunicação mental, física ou outra de qualquer espécie. Sem estes “intermediários” o movimento espírita não teria sido possível. As primeiras revelações sobre o Mundo dos espíritos, a morte e a existência após a morte passavam, necessariamente, por eles. Os novos médiuns diferiam dos grandes visionários anteriores como SWEDENBORG e LAVATER.

Na maioria das vezes, tratavam-se de pessoas comuns, simples, algumas vezes iletradas e sem cultura formal, o que parecia apontar para o grau de fidelidade das revelações feitas pelos Espíritos. Embora existissem homens envolvidos com este processo de intermediação, chama a atenção o número de mulheres médiuns e videntes. Se o século XIX construiu as histéricas e as sonâmbulas, a matéria prima das descobertas da psiquiatria e da psicanálise emergentes, também o Espiritismo e o Espiritualismo dependiam destas mulheres “anormais” cuja classificação oscilava entre a loucura ou os dramas que as recentes descobertas da espiritualidade acabavam por remetê-las. Histéricas ou médiuns? Dependia da forma de apropriação e interpretação. O hospício ou centros de estudo dos fenômenos espirituais? Frequentemente, a sorte lhes definia o destino. Psiquiatras, cientistas ou estudiosos do psiquismo espiritualista?

Uma das personagens mais conhecidas da primeira metade do século XIX foi a Vidente de *Prevorst*, estudada em 1829, pelo Dr.

³⁴ KARDEC, A. *O Céu e o Inferno*, FEB, RJ, 1977, p. 25-6.

JUSTINUS KERNER. O nome desta visionária era FREDERICA HAUFFE, nascida em 1801, perto da cidade de LOWESTEIN no WURTEMBERG. Desde criança demonstrou uma extrema sensibilidade para a percepção de certos fenômenos e visões “sobrenaturais”. Quando adulta, começou a sofrer de um mal estranho: febres, estados de inconsciência e de catalepsia, espasmos, delírios. Junto com estas fortes crises, afirmava estar vendo pessoas mortas, conversava com elas e era assediada por um sem número de espíritos. Neste processo, seu estado de saúde agravou-se. Todos os tratamentos, fossem magnéticos, homeopáticos ou exorcismos espirituais, revelaram completa ineficácia.³⁵

Em começos de 1826, Dr. KERNER, médico-chefe em Weisberg foi chamado a atendê-la. Os espasmos aumentavam, desintéria e suores noturnos a consumiam, o escorbuto já havia feito perder os dentes. Neste estado de fraqueza total, tornara-se insensível e indiferente a tudo e a todos e foi levada para tratamento na casa do próprio Dr. KERNER. As observações deste médico são muito expressivas:

“Era sensível a quaisquer emanções fluídicas, do que não duvidamos, principalmente das provenientes de metais, plantas, homens ou animais. As substâncias imponderáveis, tanto quanto as diferentes cores do prisma produziam-lhe efeitos sensíveis. Sentia influências elétricas de que não temos a menor consciência. E o que é quase incrível, possuía a noção do sobrenatural ou o conhecimento por inspiração do que um homem houvesse escrito. (...).

Muitos anos antes de ter sido confiada aos meus cuidados, a terra, o ar, tudo o que aí respira, sem excetuar a espécie humana,

³⁵ KERNER, J. *A Vidente de Prévorst*, Matão, O Clarim, 1979, pp. 26-8. Este livro foi publicado em alemão pela primeira vez em 1829 com grande sucesso em seis edições sucessivas ao longo do século XIX. O Dr. Kerner e colaboradores publicaram periódicos até 1853.

não existia para ela. Aspirava a muito mais do que alimentos, outra atmosfera que o plante não podia lhe oferecer. Vivía quase em estado de Espírito e já pertencia ao mundo dos Espíritos. Fazia parte do Além e já estava meio morta.”³⁶

Aos seus poderes proféticos, premonitórios acrescentavam-se contatos constantes com os mortos. A visão dos Espíritos era acompanhada de diálogos, contatos, recados para os vivos sobre a existência espiritual e instruções ou preces para os mortos. A vidente descrevia as dimensões do Além de onde vinham os Espíritos e os efeitos dos contatos entre ambos:

“Vi Espíritos e sobretudo os obscuros, acolherem minhas palavras com unção, e se tornaram logo brilhantes, mas isto me enfraquecia. Os espíritos felizes me fortificavam e proporcionavam sensações inteiramente diversas dos outros.

Notei que os espíritos felizes tinham tanta dificuldade em responder às questões relativas aos interesses terrenos quanto os maus em tratar das questões espirituais. Os primeiros não pertencem mais à Terra, os segundos não conhecem ainda o Céu. (...).

Vêm a mim principalmente os espíritos de graus inferiores, da região média, que pertencem à nossa atmosfera; o termo região média é impróprio, seria melhor dizer – morada forçada. São os Espíritos que aqui permanecem por atração do mundo ou ligação a ele, os que não acreditam em Redenção ou ainda os que, no momento da morte, ficam perturbados por suas ocupações terrenas, as quais os impedem de voar para regiões superiores.

Encontram-se nas regiões médias muitos Espíritos não condenados, mas que ainda não podem ser colocados entre os santos. Os Espíritos purificados ocupam os mais altos graus; os de

³⁶ *A Vidente de Prévost*, pp. 101-3.

grau inferior ainda estão expostos ao mal, o que não acontece nos graus superiores: aí gozam para sempre da felicidade celeste e da pureza dos santos.³⁷

Na sua presença, produziam-se ruídos, objetos moviam-se, desapareciam ou apareciam, seu corpo e o de pessoas que estavam próximas flutuavam no ar ou na água. Os relatos de FREDERICA HAUFFE revelam uma curiosa mistura de misticismo, Cristianismo, crenças em poderes dos amuletos, dos números e dos elementos naturais.

Após a sua morte, em 5 de agosto de 1829, o corpo da vidente passou por autópsia e o médico legista, Dr. HOFF, descreveu seu cérebro como perfeito e bem conformado, são e normalmente desenvolvido, sem doenças na medula espinhal ou nos nervos. O caso de PREVORST foi estudado por um outro médico, o Dr. ESCHENMAYER, professor de Filosofia e Medicina na universidade de Tübingen, que publicou, junto com KERNER entre 1831 e 1834, cinco volumes intitulados de *Jornal de Prevorst* além do trabalho "Mistérios da Vida Interior explicados pela história da Vidente de Prevorst". O caso de *Prevorst* suscitou muitas investigações e publicações filosóficas sobre a vidente bem como as relações com o Mundo dos Espíritos e o magnetismo.

A história da vidente de *Prevorst* faz parte da história do Espiritualismo do século XIX da mesma maneira que as mesas girantes, as escritas automáticas, aparições, materializações. Marcou o surgimento do personagem central de todo o Espiritismo: o médium e as faculdades mediúnicas, aqueles que, através de dons especiais realizavam as comunicações entre os mortos e os vivos.

Muitos livros "revelados" pelos espíritos através destes médiuns vieram a público no século XIX antes mesmo da obra de KARDEC. Entre 1839 e 1840 foram publicados os ensinamentos dos espíritos pelo

³⁷ *A Vidente de Prévorst*, pp. 105-6.

clariaudiente CHARLES-LOUIS, os fenômenos sobrenaturais do pastor escocês EDUARD IRVING, os trabalhos de JACKSON e CAHAGNET, da médiun inglesa Ms. M.B. HAYDEN, que através de seus dons mediúnicos logrou converter, em 1852, o reformador social ROBERT OWEN. A pequena camponesa ANGÉLICA COTTIN, em 1846, foi estudada e observada em Paris, por milhares de pessoas. O número de pessoas com estes dons especiais nos anos anteriores à organização do movimento espírita demonstram uma nova sensibilidade espiritual e mística desta época.³⁸

E quem eram estas pessoas, os médiuns, tanto homens como mulheres, os canais destes contatos? ALLAN KARDEC publicou um livro, *O Livro dos Médiuns*, para esclarecer o assunto e preparar pessoas para realizar esta tarefa segundo os ensinamentos da doutrina espírita:

“Todo aquele que sente, num grau qualquer, a influência dos Espíritos, é por este fato, um médium. Essa faculdade é inerente ao homem; não constitui portanto, um privilégio exclusivo. Por isso mesmo, raras são as pessoas que dela não possuam alguns rudimentos. Pode-se, pois dizer que todos são, mais ou menos, médiuns. Todavia, usualmente, assim só se qualificam aqueles em que a faculdade mediúnica se mostra bem caracterizada e se traduz por efeitos patentes, de certa intensidade, o que depende de uma organização mais ou menos sensitiva. (...). Geralmente, os médiuns tem uma aptidão especial para os fenômenos desta ou daquela ordem, donde resulta que foram tantas variedades, quantas são as espécies de manifestações. As principais são: a dos médiuns de efeitos físicos; a dos médiuns sensitivos ou impressionáveis; a dos audientes; a dos videntes; a dos sonambúlicos; a dos curadores; e dos penumatógrafos; a dos escreventes ou psicógrafos.”³⁹

³⁸ WANTUIL, Z. *As Mesas Girantes e o Espiritismo*, FEB, RJ, 1978, pp. 7-99.

³⁹ KARDEC, A. *O Livro dos Médiuns*, FEB, RJ, 1978, pp. 195-6.

O Espiritismo dedicou-se ao desenvolvimento da mediunidade, a formação doutrinária e espiritual dos médiuns, alertando para a questão da presença de espíritos “inferiores” influenciando, de forma negativa, a prática dos médiuns. Médiuns, sensitivos, sonâmbulos, histéricas, loucos, charlatães, possuídos: muitas foram as possibilidades de enfoque sobre estes personagens.

Os médiuns transformaram-se na matéria prima sobre a qual debruçaram-se os estudiosos auxiliados pela tecnologia de sua época. As câmaras fotográficas registravam levitações, aparições, formação de ectoplasmas nas sessões experimentais durante as quais submetiam-se os médiuns a rigorosos controles afim de prevenir fraudes.

A época áurea dos médiuns foi também o período dos grandes prestidigitadores, dos mágicos, das fugas impossíveis, além do desenvolvimento dos truques e montagens dos fotógrafos e cineastas. Nada parecia impossível para homens e máquinas nos domínios do telégrafo, do rádio, da luz elétrica e do telefone. Como distinguir a magia dos jogos de luz e sombra, as comunicações a longa distância, prodígios da eletricidade, as diatribes nas telas de cinema de *Méliès*, as fugas dramáticas de *Houdini*, dos fenômenos produzidos pelos mais famosos médiuns?

O final do século XIX foi movimentado pelos fenômenos espíritos: materializações, aparições, fotografias de sessões, psicografias, agitavam o meio intelectual e religioso, além dos curiosos e crentes fervorosos. Os médiuns foram a base do movimento espírita.

Este foi o caso de ELISABETH D'ESPERANCE (1850-1918). Esta inglesa desde criança possuía o estranho dote de ver “pessoas” que os outros nunca viam, mantendo contatos com fantasmas nos cômodos desertos da velha casa em Londres onde morava.⁴⁰ Um médico da família de D'ESPERANCE, ao tomar conhecimento do estado da criança,

⁴⁰ D'ESPERANCE, *No País dos Sonhos*, RJ, FEB, 1987, pp. 38-9.

levantou a questão que tanto atemorizava os médiuns desta época: a loucura. Mas, através de uma amiga cujo marido interessava-se pelo Espiritismo e freqüentava sessões, D'ESPERANCE começou a tentar a experiência das mesas girantes, das comunicações com o Além e a entrever a possibilidade dos contatos com os mortos.⁴¹ Mme. D'ESPERANCE foi a médium do Dr. ZOLLNER, um dos cientistas do século XIX que se dedicou ao estudo dos fenômenos sobrenaturais.

Nesta galeria de médiuns famosos, *Miss FLORENCE COOK e EUSÁPIA PALADINO* destacam-se. *Miss COOK*; a jovem inglesa de 15 anos que serviu de elemento de pesquisa do cientista WILLIAM CROOKES, acompanhou o padrão característico desta época. Segundo ela mesma, numa carta datada de maio de 1872, suas faculdades espirituais vinham da infância:

“Tenho dezesseis anos de idade. Desde minha infância vejo espíritos e ouço-os falar. Tinha o costume de sentar-me a sós e conversar com eles. Eles me cercavam e eu os tomava por pessoas vivas. Como ninguém os via ou ouvia, meus pais procuravam inculcar em mim a idéia de que tudo era produto da minha imaginação. (...). Na primavera de 1870 fui convidada a visitar uma amiga de colégio. Ela me perguntou se eu já ouvira falar em Espiritismo, acrescentando que ela e seus pais se reuniam em torno de uma mesa. Nessa situação obtinham certos movimentos; disse que, se eu consentisse, ainda naquela tarde ensaiariam uma experiência comigo.”⁴²

Esta jovem de 15 anos, realizou “prodígios” espirituais e materializava o “espírito” de uma mulher que se dizia chamar *KATIE KING*. Durante diversas sessões, a médium *FLORENCE COOK* foi amarrada e

⁴¹ *No País dos Sonhos*, p. 162.

⁴² RODRIGUES, W. *Katie King*, Matão, O Clarim, 1980, pp. 196-7.

submetida a observações pelo cientista WILLIAM CROOKES. Diversas fotos, depoimentos, relatórios, acompanharam as experiências em torno desta personagem e do ser espiritual que ela produzia.

As aparições do espírito de KATIE KING ganharam uma forte materialidade: andava, falava, podia ser tocada e alguns pedaços de suas roupas e cabelos foram deixados para os observadores:

“Às 7 horas e 25 minutos da noite, Sir William Crookes acompanhou Miss Cook ao gabinete escuro. Uma vez aí ela se deitou no solo, pondo-se-lhe uma almofada sob a cabeça. Às 7 e 28 minutos ouviu-se a voz de Katie King e às 7 e 30 ela apresentava-se do lado de fora da cabina completamente materializada. Seu vestido era de tonalidade branca particularmente pura, trazia o colo descoberto e mangas curtas. Katie tinha os cabelos muito compridos, de cor castanho dourada, que caíam formando graciosos cachos que desciam pelas costas até a cintura. Trazia nas mãos um grande véu branco com o qual cobriu o rosto, uma ou duas vezes, no decorrer da sessão. Assim fazendo, podia acumular forças fluidicas que lhe permitiam resistir ao calor da sala. (...).”⁴³

A presença do cientista WILLIAM CROOKES foi um aval contra acusações de impostura e charlatanice, num país como a Inglaterra onde ainda vigorava o *Vagrancy Act* e o *Withcraft Act*, mediante os quais as leis inglesas levavam médiuns, videntes e cartomantes à prisão.⁴⁴

Outra das grandes médiuns do período entre 1870 e 1900, EUSÁPIA PALADINO, foi objeto de prolongada curiosidade e investigação. EUSÁPIA PALADINO (1854-1918) era uma jovem pobre, órfã e semi-analfabeta que, com cerca de 14 anos, começou a freqüentar às

⁴³ Katie King, op. cit. p. 210.

⁴⁴ DOYLE, A. CONAN, *História do Espiritismo* (título original em inglês: *History of Spiritualism*), Pensamento, SP, 1987, p. 271.

chamadas sessões de mesa. A partir desta data suas atuações tornaram-se conhecidas. Em 1888, o cientista italiano ERCOLO CHIAIA publicou o resultado de suas observações e pesquisas com EUSÁPIA, convidando o professor CESARE LOMBROSO para investigar os fenômenos produzidos pela médium. Durante o mês de fevereiro de 1891, depois de duas sessões com ela, LOMBROSO declarou-se confuso diante dos fenômenos espíritas que ele havia duramente combatido.

Desta data em diante, as sessões experimentais com EUSÁPIA pela comunidade científica correram a Europa. Vários cientistas estudaram os fenômenos produzidos pela médium: LOMBROSO, SCHIAPARELLI, AKSAKOFF, CHARLES RICHEL, OLIVER LODGE, OCHOROWICZ, RICHARD HODGSON, CORONEL DE ROCHAS, FLAMMARION, VICTORIEN SARDON. E quem era esta mulher? O que acontecia em sua presença?:

“Refiro-me ao caso de uma mulher inválida, da mais humilde camada social. Tem cerca de 30 anos e é muito ignorante; seu olhar nem é fascinante nem dotado daquele poder que os modernos criminalistas chamam irresistível. Mas quando ela quer, seja dia ou seja noite, pode divertir um grupo durante uma hora ou mais, com os mais curiosos fenômenos. Tanto amarrada a uma cadeira, quanto segura pelas mãos dos assistentes, atrai a si móveis e objetos que a cercam, levanta-os mantendo-os suspensos no ar. (...). Em resposta a perguntas dos assistentes, algo como jatos de eletricidade, emanam de seu corpo e envolvem aos espectadores dessas cenas maravilhosas. (...).

Se se colocar num canto da sala uma bacia contendo uma camada fina de cal, no fim de algum tempo aí se encontra a impressão de uma pequena ou grande mão, um rosto de frente ou de perfil, do qual se poderia tirar um molde. Assim tem sido conservados retratos tirados de vários ângulos e os que desejam podem assim fazer sérios estudos.”⁴⁵

⁴⁵ WANTUIL/THIESEN, *As Mesas Girantes e o Espiritismo*, op. cit. p. 125.

ESPIRITUALISMO, ESPIRITISMO E CIÊNCIA

Embora o Espiritualismo, em geral, e o Espiritismo, em particular, tenham feito muitos adeptos e conversões durante o próprio século XIX e início do XX em diferentes meios sociais, chama a atenção o fascínio que a nova doutrina parece ter exercido entre o meio intelectual, artístico e científico da época, gerando tanto fervorosos adeptos como tenazes adversários. ARTHUR CONAN DOYLE, VICTORIEN SARDOU, VITOR HUGO, ROBERT OWEN, CESARE LOMBROSO, WILLIAM CROOKES, OLIVER LODGE, CAMILLE FLAMMARION, CHARLES RICHTER, entre outros, dedicaram-se a estudar o Outro Lado, recuperando o passado, revendo a religião à luz da ciência e encarando a morte sob novos aspectos.

Grupos de cientistas reuniam-se em torno dos médiuns investigando e eliminando possibilidades de fraudes. Muitas destas reuniões de estudos realizavam-se em centros de pesquisa, laboratórios e os convidados eram pessoas credenciadas pela comunidade intelectual e científica. Um exemplo foram as 43 sessões organizadas pelo Instituto Geral Psicológico de Paris nos anos de 1905, 1906 e 1907, com a médium EUSÁPIA PALADINO, que incluíram, na sua assistência, BERGSON, o casal CURIE e DEBIERNE, o reitor da Sorbonne. Embora muitos dos assistentes do meio científico não ficassem convencidos, um grande número confessou a sua adesão.

Um dos mais importantes convertidos foi CAMILLE FLAMMARION (1842-1925), eminente astrônomo e cientista do século XIX. Tornou-se espírita, amigo pessoal de ALLAN KARDEC e pronunciou o discurso fúnebre à beira de seu túmulo, embuído pelas convicções doutrinárias espíritas. Expôs idéias filosófico-científicas apoiando doutrinas espíritas, sobretudo no que se referia a imortalidade da alma e a visão de que a morte era uma libertação, uma continuidade para uma nova existência espiritual operosa e de estudos:

“Aos nossos pés dorme o teu envoltório, extinguiu-se o teu cérebro, fecharam-se-te os olhos para não mais abrirem, não mais ouvida será a tua palavra ... Sabemos que todos havemos de mergulhar neste último sono, de volver a essa mesma inércia, a esse mesmo pó. Mas, não é nesse envoltório que pomos a nossa glória e esperança. Tomba o corpo, a alma permanece e retorna ao Espaço. Encontrar-nos-emos num mundo melhor, e no céu imenso, onde usaremos das nossas preciosas faculdades, continuaremos os estudos para cujo desenvolvimento a Terra á teatro por demais acanhado.

É-nos mais grato saber esta verdade, do que acreditar que jazes todo inteiro neste cadáver e que tua alma se haja aniquilado com a cessação de funcionamento de um órgão. A imortalidade é a luz da vida, como este refulgente Sol é a luz da natureza. Até a vista, meu caro Allan Kardec, até a vista!”⁴⁶

FLAMMARION produziu uma grande obra científica como o *Tratado sobre a Rotação dos Corpos Celestes* (1870) tendo se preocupado com a divulgação e popularização da Astronomia, além de inúmeros estudos sobre a pluralidade dos mundos, sobre Deus e a Imortalidade da Alma. As fontes para suas teorias eram os pressupostos da ciência do século XIX e também a tradição filosófico-religiosa da antigüidade clássica e tinham como objetivo combater o fanatismo, a superstição religiosa irracional e o antropomorfismo de Deus no pensamento humano.⁴⁷

⁴⁶ Este foi um dos seus últimos trabalhos, publicado em 1922. Entre outros livros deste autor, cabe destacar *Deus na Natureza*, *O Mundo antes da Criação do Homem*, *As Casas Mal-Assombradas*, *Urânia*, *O Desconhecido*, *Problemas Psíquicos*, *O Fim do Mundo*, *Os Mundos Imaginário e os Mundos Reais*, entre muitos outros.

⁴⁷ FLAMMARION, C. *Deus na Natureza*, vol 2, RJ, Garnier, s.d., p. 283.

Da fase espírita de Flammarion, uma das obras mais interessantes é *A morte e o seu mistério*.⁴⁸ Nos três volumes desta “trilogia metapsíquica”, os dois últimos foram dedicados às provas sobre a sobrevivência da alma, as aparições e manifestações espirituais durante o fenômeno da morte e ao depois da morte. Uma proposta de pesquisa geral em que a existência espiritual foi estudada com detalhes e as provas arroladas com infatigável preocupação científica. Consistia numa metódica exposição e organização dos fatos observados e apresentados como elementos comprobatórios, de acordo com as exigências do método experimental, mas sedimentadas em sugestivas citações de PITÁGORAS, SÓCRATES, SÓFOCLES, COPÉRNICO, VITOR HUGO, AUGUSTE COMTE, MONTAGNE, BUDA:

“É indispensável um método científico severo para estabelecer os estudos psíquicos sobre base positiva e fazê-los entrar no quadro da ciência moderna, continuamente ampliada pelas novas descobertas que, há um quarto de século a esta parte, transformaram o mundo. Mas, quando os fatos, a tão longa data discutidos – e mesmo negados – são demonstrados com a clareza, não se explica a persistência do ceticismo que continua a recusar-se a reconhecê-los. Será razoável negação sistemática obstinada?”

Crer em tudo é um erro. Não crer em nada será erro também. Não devemos admitir seja o que for sem provas, mas devemos reconhecer lealmente o que se provar. (...).

Reconhecer simplesmente, a realidade do que a experiência demonstra é tudo quanto pedimos. Que cada um se sirva tranquilamente da sua razão” Que não se deixe lograr por qualquer ilusão ou sofisma. Que veja o Sol ao meio-dia. Que estude sinceramente, claramente, conscienciosamente.”⁴⁹

⁴⁸ FLAMMARION, C. *A Morte e seu Mistério*, Vol II, RJ, FEB, 1982, p. 20.

⁴⁹ FLAMMARION, C. *A Morte e seu Mistério*, Vol II, RJ, FEB, 1982, pp. 101-2.

Os relatos utilizados por Flammarion contém histórias de visões, aparições de mortos e moribundos, premonições, telepatia e contatos entre mortos e vivos. Algumas das mortes descritas haviam sido anunciadas por meios de ruídos, batidas, fenômenos físicos como os relógios que paravam no exato momento do falecimento. São milhares de cartas, notícias de jornal, casos relatados nos periódicos dedicados às pesquisas psíquicas e arrolados de acordo com suas características básicas.⁵⁰

Flammarion desenvolveu termos próprios, categorias explicativas para denominar os fenômenos espirituais: as “forças psíquicas”, forças naturais desconhecidas causadoras dos fenômenos ditos “sobrenaturais”.

Desta maneira, as observações e estudos feitos sobre as manifestações dos mortos, apoiados no estrito método científico e nas deduções lógicas, levavam ao depois da morte. As ações dos mortos, aparições, a produção de efeitos físicos tais como ruídos, luzes ou sombras esvoaçantes, cuidadosamente arrolados, formaram uma variada gama de depoimentos e indagações.

As últimas obras de FLAMMARION foram dedicadas aos postulados espíritas em bases científicas. Podemos destacar *As casas Mal-assombradas, Narrações do Infinito, Urânia, Estrela, O desconhecido, Problemas Psíquicos*.

Os fenômenos de materializações espirituais também aconteceram fora da França. Um dos cientistas mais importantes a dedicar-se ao estudo dos fenômenos foi o inglês WILLIAM CROOKES, cuja história está relacionada com a da médium FLORENCE COOK e a materialização do espírito de KATIE KING. Químico e astrônomo, a partir de 1856 fez parte da Sociedade Real de Londres dedicando-se a trabalhos fotográficos sobre a lua. Descobriu um processo de amalgamação do sódio e,

⁵⁰ CROOKES, W. *Fatos Espíritas*, RJ, CEB, 1971, p.71.

pela análise espectral, tornou conhecido um novo corpo metálico simples, o Tálío. Através de uma série de experiências bem sucedidas demonstrou com exatidão um quarto estado da matéria, além do sólido, líquido e gasoso: o da matéria radiante.

Com esta posição intelectual e científica anunciou que iria se ocupar dos chamados fenômenos espíritas, com o rigor de um experimentador científico. Em 1874, publicou os primeiros resultados de suas pesquisas no *Quarterly Journal of Science*. Em fevereiro de 1897 publica suas observações sobre os fatos espíritas:

“Os diversos fenômenos que venho atestar são tão extraordinários e tão inteiramente opostos aos demais enraizados pontos do credo científico – entre outros a universal e invariável ação da força de gravitação – que mesmo agora, recordando-me dos detalhes de que fui testemunha, há antagonismo em meu espírito entre minha razão, que diz ser isso cientificamente impossível, e o testemunho de meus sentidos da vista e do tato, e o testemunho corroborado pelos sentidos de todas as pessoas presentes – que me dizem não serem testemunhos mentirosos, visto que eles depõem contra as minhas idéias pré-concebidas”.⁵¹

Os fenômenos observados: levitações, psicografia, telecinesia, percussões, materializações, aparições luminosas de objetos, foram colocados como fatos incontestáveis, que mereceriam uma série de experiências e elaborações teóricas de acordo com as mais recentes descobertas científicas.

Para alguns outros intelectuais que se sensibilizaram com os fenômenos espiritualistas, como ARTHUR CONAN DOYLE, o desabar da muralha entre o mundo dos mortos e dos vivos, os fatos que comprovavam a sobrevivência após a morte e comunicação entre mortos e

⁵¹ FLAMMARION, C. *A Morte e seu Mistério*, Vol II, RJ, FEB, 1982, p. 366.

vivos, deveriam conduzir a uma grande transformação e trazer esperança para o gênero humano através da formação de uma nova e atual expressão religiosa levando os homens a uma existência mais espiritualizada:

“O lado objetivo da questão deixou de me interessar. Convencido, afinal da sua veracidade, não havia mais porque prosseguir. Seu lado religioso apresentava importância infinitamente maior. A campanha do telefone é coisa em si mesma pueril, mas pode dar-se que seja a chamada para uma comunicação de vital interesse. (...).

Na minha opinião, os fenômenos psíquicos, verificados até a evidência por todos que hão tido o cuidado de estudá-los, em si nada valem, o justo valor deles está em que servem de base, dando-lhe uma realidade objetiva, a um imenso corpo de doutrina que há de modificar profundamente as nossas anteriores idéias religiosas e que, quando bem compreendido e assimilado, fará da religião alguma coisa de muito real, não mais simples matéria de fé, porém de experimentação e de fato.”⁵²

Cientistas de renome na Itália também passaram a integrar o conjunto de estudiosos dos chamados fenômenos psíquicos: SCHIAPARELLI, CHIAIA, BROTTASI, LOMBROSO E BOZZANO, fizeram parte desta galeria.

ERNESTO BOZZANO destacou-se deste grupo dedicando trinta anos às pesquisas psíquicas. Publicou inúmeros trabalhos científicos sobre o assunto, expondo os princípios básicos que o levaram a aderir à hipótese espírita por “necessidade lógica”.⁵³

⁵² DOYLE, A.C. *A Nova Revelação*, RJ, FEB, 1980, p. 64.

⁵³ BOZZANO, E. *Fenômenos Psíquicos no momento da Morte*, RJ, FEB, 1982, pp. 26-7.

Para BOZZANO a análise rigorosa e imparcial dos fenômenos de natureza espiritual, sob método científico, convergia para a demonstração experimental da existência e da sobrevivência da alma. A melhor prova fornecida em apoio à hipótese da sobrevivência espiritual estava apoiada nos fatos colhidos em diferentes lugares e através de pessoas idôneas.

A análise das informações transmitidas pelos espíritos, a concordância dos diferentes depoimentos dos mortos sobre suas experiências na crise da morte, levaram BOZZANO a concluir um esquema geral das etapas e sensações comuns que aguardavam todos os seres humanos após a morte. As “revelações transcendentais” eram, em conjunto, passíveis de classificação científica e, portanto, de valor racional e lógico, de acordo com os princípios da ciência. As experiências psíquicas no nível que ele vinha realizando deveriam contribuir para a Humanidade aumentar sua compreensão do fenômeno da morte e da sobrevivência espiritual. Abandonando o simbolismo vago e distante das Religiões, para apreender, substancial e cientificamente, as modalidades da existência espiritual em outros “planos” ou “esferas” onde estavam os Espíritos e para onde iriam todos os vivos após a morte.

Uma das mais intrigantes relações com o espiritualismo do final do século XIX foi a de CESARE LOMBROSO, médico, higienista, psiquiatra e antropólogo. Seus famosos estudos estavam na área da Antropologia Criminal, nos quais revelava sua incondicional adesão aos métodos de investigação científica positivista de sua época. Estudava homens e fatos numa mesma perspectiva, como ponto de partida do método experimental. Estabeleceu uma teoria onde expunha Gênese Natural do Delito e as bases do sistema penal positivo, associando Direito Penal e Antropologia Criminal.

De acordo com estas teorias, tanto o criminoso como o delito eram heranças atávicas da idade selvagem, a idade animal e da infância e o delito uma consequência da organização física e moral do

criminoso. Na categoria genérica “criminosos” estavam os de ocasião, os loucos, os criminalóides ou pseudo-criminosos, além da concepção do “criminoso nato”, o ser humano incorrigível e irresponsável, predestinado à prática do crime por impulso epiléptico congênito e profundo, perceptíveis por caracteres morfológicos e funcionais passíveis de serem estudados, detectados e classificados pela Ciência.⁵⁴ O crime, para LOMBROSO, era uma doença e o criminoso não podia ser punido, devendo ser afastado da sociedade para tratamento.

De uma maneira semelhante à loucura, LOMBROSO definiu a Natureza do Homem de Gênio, sustentando as relações frequentes entre a genialidade e a loucura, atribuindo à segunda característica um aspecto degenerativo e patológico. Ele decifrou e enquadrou em seus estudos, as categorias de “homem louco”, “homem delinqüente”, “homem de gênio” e se propunha a estudar a categoria “homem santo” quando faleceu. Apoiava seus estudos, textos e teorias na Frenologia e Fisiognomonía, insistindo nas relações entre o físico e o moral, procurando estabelecer a correspondência dos sinais exteriores característicos com tendências conflituosas e delituosas, realizando demorados estudos entre soldados, prisioneiros e loucos.

Durante muitos anos, ele negou os fenômenos psíquicos e espirituais estudando-os como charlatanice e credulidade simplória. Porém, após assistir algumas sessões mediúnicas realizadas por EUSÁPIA PALADINO e verificado a veracidade e autenticidade da produção dos fenômenos e das manifestações espirituais, LOMBROSO começou a pesquisar os fenômenos. Em 15 de julho de 1891 foi publicada uma carta onde declarou sua rendição aos fatos espirituais:

“Estou muito envergonhado e desgostoso por haver combatido com tanta persistência a possibilidade dos fatos chamados

⁵⁴ LOMBROSO, C. *Hipnotismo e Mediunidade*, RJ, FEB, 1983, pp. 9-49.

espíritos, digo fatos, porque continuo ainda contrário à teoria. Mas os fatos existem, e deles me orgulho de ser escravo.”⁵⁵

No desenvolvimento de suas observações e estudos, LOMBROSO caminhou na direção de aceitar a interferência e influência de seres espirituais sobre as manifestações e os fenômenos produzidos. Em 1909, publicou *Hipnotismo e Mediunidade*, onde descreveu, de forma categórica e imbuída do mais ortodoxo espírito científico de sua época, os resultados de seus estudos, diante das hipóteses espiritualistas.

Na primeira parte desta obra, terminada alguns dias antes de sua morte e publicada em 1909, classificou os fenômenos hipnóticos e histéricos, a transmissão do pensamento, o caráter dos sonhos, a natureza polar dos fenômenos psíquicos. Na segunda parte organizou e descreveu os estudos realizados no âmbito do Espiritismo, a fisiopatologia dos médiuns. Pesquisou o fenômeno das aparições, dos duplos e fantasmas, as fotografias transcendentais e esboçou uma biologia dos Espíritos. Vejamos alguns dos aspectos da trajetória espiritualista de LOMBROSO:

“Se existiu no mundo um homem, por educação científica e quase por instinto, contrário ao Espiritismo, esse fui eu, que, da tese: Ser toda força uma propriedade da Matéria e a Alma emanção do cérebro – havia feito a preocupação mais tenaz da vida, eu, que havia zombado por muito tempo dos Espíritos das mesinhas ... e das cadeiras!

Mas se sempre nutri grande paixão pelo meu lábaro científico, tive outra ainda mais fervorosa: a adoração da verdade, a constatação do fato.

⁵⁵ *Hipnotismo e Mediunidade*, p. 64.

Ora, eu quer era assim hostil ao Espiritismo, ao ponto de não aquiescer por largo tempo em ao menos assistir a uma experiência, deveria, em 1882, presenciar, na qualidade de neuropatólogo, fenômenos psíquicos singulares, nenhuma explicação na Ciência, salvo a de ocorrerem em indivíduos histéricos ou hipnotizados.”⁵⁶

Os estudos dos fenômenos psíquicos começaram com a observação dos histéricos submetidos à hipnose. No estado sonambúlico sucediam-se acontecimentos extraordinários: sensibilidades estranhas à sons e aromas, dotes musicais ou poéticos nunca observados anteriormente nos indivíduos em estado normal, dons proféticos, premonições e descrições de acontecimentos à longa distância, tanto em vigília como através de sonhos, transmissão de pensamento, adivinhação de números, desenhos ou palavras pensadas por pessoas estranhas ou escondidas em recipientes fechados, produção de fenômenos físicos ou psíquicos, escritura automática de textos ou mensagens com características estranhas à cultura do autor inconsciente. LOMBROSO analisou também a própria história, buscando o conhecimento dos magos e médiuns entre os selvagens, culturas religiosas extra-ocidentais e da antigüidade, procurando confirmação histórica dos fenômenos espirituais.

Também na Alemanha foram realizadas experiências científicas da sobrevivência após a morte e dos chamados fenômenos espirituais. Faziam parte do grupo de especialistas JOHANN KARL FRIEDRICH ZOLLNER, professor de física e astronomia da Universidade de Leipzig e elaborador da hipótese da teoria sobre a quarta dimensão do espaço; WILHELM EDWARD WEBER, professor de Física e autor da doutrina da Vibração das Forças; SCHNEIBER, matemático de renome da Universidade de LEIPZIG; GUSTAV FRIEDRICH FECHNER, físico e filósofo na mesma universidade.

⁵⁶ *Hipnotismo e Mediunidade*, pp. 281-2.

Este grupo publicou, em 1879, o resultado de suas pesquisas. Para eles tratava-se de uma Nova Ciência baseada em uma classe específica de Fenômenos Físicos, provando a existência de um outro mundo de seres inteligentes.

Os cientistas, liderados por ZOLLNER, realizaram experiências com o famoso médium americano HENRY SLADE. Ocorreram materializações, levitações, aparições, psicografias de mensagens que foram meticulosamente observadas, descritas e estudadas. Submetidas a considerações teóricas, os fenômenos observados revelaram uma dimensão científica e verdadeira, como um dos elementos fundamentais para a construção da teoria do espaço em quarta dimensão e da sobrevivência espiritual:

“Justamente o fato de terem aqui em Leipzig sido coroadas de bom êxito as experiências em presença de Slade, como prova da minha teoria do espaço, encaro isto como prova da inteligência superior desses seres invisíveis que o cercam. Se sem me parecer pretencioso me incluo na classe dos seres inteligentes à qual os homens pertencemos, conhecidos sob o nome *Homo Sapiens*, mesmo assim quisera mais amplamente expor e mais detalhadamente explicar as minha investigações filosóficas, porém, somente aqueles a quem julgasse suficientemente instruídos. (...).

Porém, desde que no mundo superior dos Espíritos a verdade é tida como coisa sagrada, da qual somente os Espíritos inferiores caçoam, pela minha comunicação pela ardósia eu seria réu de injúria à lei moral, de acordo com as leis da divina e eterna justiça, o que traria em tempo o seu castigo.”⁵⁷

⁵⁷ ZOLLNER, J.K.F. (org.), *Provas Científicas da Sobrevivência*, SP, EDICEL, 1973, pp. 100-2.

De acordo com Zollner e sua equipe, as provas obtidas remetiam não somente à comprovação de sua teoria sobre a quarta dimensão do espaço mas, também, e inequivocamente, prova da sobrevivência de natureza espiritual do homem após a morte.

O historiador IAN P. COULIANO em seu livro *Más Allá de este Mundo: Paraísos, Purgatorios e Infiernos: un viaje a través de las culturas religiosas* (Paidós/Orientalia, Barcelona, 1993) analisa a relação das experiências científicas e espíritas na segunda metade do século XIX e inícios do XX, com o surgimento de novas teorias científicas sobre as dimensões do espaço que culminaram com EINSTEIN em 1921. Para COULIANO a existência de uma quarta dimensão era uma hipótese nova e conduzia a uma explicação atrativa e cientificamente convincente para muitos dos fenômenos misteriosos associados à magia, à religião e ao sobrenatural. Levantavam-se hipótese espaço-temporais para experiências espirituais, viagens astrais, mundo dos espíritos, etc. O matemático excêntrico CHARLES HOWARD HINTON (1853-1907) e o reverendo EDWIN ABBOT (1838-1926) foram os primeiros a divulgar obras sobre a possibilidade de existência física e matemática de outras dimensões além da tridimensionalidade material. HINTON publicou *A New Era of the Thought* (1888), e *The Fourth Dimension* (1904) e ABBOT, o seu livro *Flatland* (1883), onde descreve uma existência num mundo bidimensional onde seus habitantes só podem mover-se em duas direções, comer e defecar pelo mesmo orifício e um muro era uma linha, num raciocínio onde, por analogia, um ser deste mundo de duas dimensões veria a existência tridimensional humana como sobrenatural e inexplicável. É porém com Hinton que a relação entre uma hipótese cientificamente estruturada sobre a quarta dimensão alcança uma elocubração mais consistente:

“Hinton creía firmemente que la cuarta dimensión era la explicación definitiva del misticismo y, por lo tanto, creía que las

doutrinas místicas eran ciertas y los estados y logros místicos eran reales. Por razones desconocidas también creía que existía un alma (separable del cuerpo) capaz de experimentar la cuarta dimensión, y también creía en la bondade fundamental de los seres cuatridimensionales.” (op. cit. p.37).

Estas hipóteses científicas e especulativas são contemporâneas aos surto espiritualista. Acreditava-se que os médiuns podiam ter acesso a uma quarta dimensão, onde eram produzidos fenômenos “sobrenaturais”. A quarta dimensão seria uma explicação ideal para as presenças ocultas e poderosos, as manifestações dos mortos, de seres sobre-humanos procedentes de outras dimensões. Esta seria uma das razões pela qual vários cientistas, físicos principalmente, tiveram uma grande atração em pesquisar as manifestações espíritas ou paranormais.

É grande a galeria de cientistas desta época seduzidos pelos fenômenos espirituais, realizando estudos, pesquisas, construindo teorias e revelando sua adesão, em maior ou menor grau, às novas crenças. Tal tendência prosseguiu com a Metapsiquia e na moderna Parapsicologia. Em vários países europeus e do continente americano estes estudos apontavam um mesmo caminho que marcou a história do pensamento contemporâneo: a necessidade de comprovar, pelos argumentos científicos, aquilo que antes estava no domínio da fé religiosa.

Depois das obras de ALLAN KARDEC e do desenvolvimento do movimento espírita, no final do século XIX e início do XX, importantes nomes passaram a divulgar a nova doutrina através da ampliação dos estudo, numa perspectiva científica, filosófica, histórica e religiosa.

Um destes divulgadores de renome da causa espírita foi GABRIEL DELANNE. Filho de espíritas convictos, cresceu num ambiente familiar onde o Espiritismo era, desde 1860, assunto cotidiano. Em 1887, fun-

dou a revista *Científica e Moral do Cristianismo*, tendo escrito nove obras clássicas sobre Espiritismo, com erudição histórica, filosófica e científica.

Preocupado em organizar e sistematizar as últimas descobertas da ciência sobre a sobrevivência da alma e as manifestações espirituais, encontramos no seu livro *A Alma é imortal* (1897), uma avaliação contundente da imortalidade da alma:

“O Espiritismo projeta luz nova sobre o problema da natureza da alma. Fazendo que a experimentação interviesse na filosofia, isto é, numa ciência que, como instrumento de pesquisa, apenas empregava o senso íntimo, ele facultou que o Espírito seja visto de maneira efetiva e que todos se certifiquem de que até então o mesmo Espírito estivera muito mal conhecido. (...).

A ciência espírita se apresenta, justo para preencher esta lacuna provando que a alma não é uma entidade ideal, uma substância imaterial sem extensão e sim que é provida de um corpo sutil, onde se registram os fenômenos da vida mental a que foi dado o nome de perispírito. Assim como no homem vivo, importa distinguir do espírito a matéria que o incorpora, também não se deve confundir o perispírito com a alma. O “eu” pensante é inteiramente distinto do seu envoltório e não poderia identificar com este, do mesmo modo que a veste não se identifica com o corpo físico. Todavia, entre o espírito e o perispírito existem as mais estreitas conexões, porquanto são inseparáveis um do outro, como mais tarde veremos.”⁵⁸

DELLANE iniciou o trabalho realizando uma varredura histórica sobre as antigas crenças na alma desde a Índia, Egito, o Cristianismo primitivo, neoplatonismo, passando pelo Magnetismo do século XVIII,

⁵⁸ DELANNE, G. *A Alma é Imortal*, RJ, FEB, 1987, pp. 11-2.

a vidente de Prévost, o hipnotismo, o mediunismo e a ciência positiva e experimental do século XIX. Na terceira parte do livro dedicou-se ao embasamento científico da doutrina espírita, tanto do ponto de vista do ensino transmitido pelos Espíritos como da certeza da imortalidade da alma sob a comprovação da ciência.

Ao lado do tema da imortalidade da alma, um assunto igualmente fundamental para a doutrina espírita, a reencarnação, foi amplamente estudado por DELANNE. Na obra *A Reencarnação* (1907) passou em revista as diferentes teorias das vidas sucessivas, na antigüidade religiosa e filosófica, no paganismo europeu pré-cristão, época medieval até os tempos modernos, chegando aos fundamentos filosóficos e científicos da reencarnação dentro do Espiritismo, junto com a demonstração da existência da alma e do perispírito:

“A crença na pluralidade das existências foi admitida pelos espíritos mais eminentes da Antigüidade, sob formas, a princípio, um tanto obscuras, mas que com o tempo, se precisaram de maneira compreensível. Tendo o Cristianismo repellido tal teoria, os homens de hoje se familiarizaram pouco com essa idéia eminentemente racional. Veremos que há argumentos irresistíveis em seu favor, se quisermos conciliar as desigualdades intelectuais e morais que existem entre os homens, com uma justiça imanente.

Se admitirmos que a alma do homem não vem à Terra pela primeira vez, que sua aparição não é súbita, seremos levados a supor, remontando até a origem da Humanidade, que ela passou, anteriormente, pelo reino animal, que o percorreu todo desde a origem da vida no Globo.

Veremos que os descobrimentos da Ciência esteiam fortemente esta opinião, porque é possível verificar, pela filiação dos seres vivos, uma correlação progressivamente crescente entre os organismos materiais e as formas mais desenvolvidas faculdades psíquicas.

É nesse momento que fazemos intervir as experiências do Espiritismo, buscando dar a essa teoria filosófica uma base experimental, ou seja, procurando fazê-la entrar na Ciência.⁵⁹

Para encontrar as bases científicas da reencarnação, DELANNE apontou dois tipos de provas. Em primeiro, as provenientes de espíritos afirmando lembrar de existências anteriores. Em segundo, aquelas onde os espíritos anunciavam quais seriam suas existências futuras. Outras provas sobre as vidas sucessivas podiam ser encontradas em relatos de pessoas que lembravam de outras existências e cujas histórias podiam ser comprovados. Outro indício sugestivo eram as crianças-prodígio com dotes inexplicáveis que não foram adquiridos na sua curta existência.

DELANNE explorou também o sentimento do já visto, a clarividência de outra vida obtida durante o sono, visões retrospectivas em determinados lugares de acontecimentos de outras épocas, o lento despertar de lembranças e recordações de vidas anteriores em determinadas pessoas de idoneidade comprovada. Todos os casos relatados e estudados foram submetidos à exames críticos para comprovar a veracidade dos fenômenos relatados, a sanidade mental das pessoas envolvidas e a historicidade detalhada das situações descritas.

Estes relatos foram analisados à luz da crença na imortalidade da alma, da teoria da evolução do progresso individual e social, da justiça divina, da lógica, da filosofia e, sobretudo, da observação empírica e positiva dos fatos, servindo como referência explícita e embasamento científico de um dos pilares doutrinários do Espiritismo francês – a reencarnação.

Sem sombra de dúvida, o trabalho realizado por DELANNE baseou-se nos critérios científicos de sua época. Com caráter menos doutriná-

⁵⁹ DELANNE, G. *A Reencarnação*, RJ, FEB, 1987, p. 18.

rio, sua obra procurou encontrar bases históricas, filosóficas e científicas que dessem o sustentáculo intelectual ao Espiritismo.

Um outro grande nome do Espiritismo pós-Kardec foi LÉON DENIS (1846-1927), o continuador teórico deste movimento nas primeiras décadas do século XX. Suas obras possuem um tom mais profético e religioso, menos cientificista, mais doutrinário e apostólico, embora apoiado nos conteúdos da filosofia e Ciência moderna.⁶⁰

LÉON DENIS tomou conhecimento da doutrina espírita em 1864 com 18 anos, lendo *O Livro dos Espíritos*. Para ele, a doutrina respondia a todas as suas indagações, satisfazendo tanto a razão como a consciência. Militando no movimento espírita, ele participou de diversas experiências que o colocaram inteiramente de acordo com o que pregava a doutrina.⁶¹

De origem operária, DENIS trabalhou em metalúrgicas, cerâmicas e curtumes, estudando à noite na cidade de Tours. Devido à influência pessoal de JEAN JAURÉS conseguiu ingressar na Faculdade de Letras de Toulouse. Posteriormente, freqüentou a Faculdade Protestante de Teologia. Da sua produção intelectual como espírita podemos destacar *Depois da Morte, O Problema do Ser, Cristianismo e Espiritismo, No Invisível, Jeanne D'Arc Médium, O Grande Enigma*.

Defendendo os princípios espíritas codificados por Kardec, para Denis, o Espiritismo não era uma religião e filosofia nova e sim o complemento de todas as religiões anteriores, o terreno com bases filosóficas e científicas sobre o qual todas poderiam sustentar-se, conciliando ciência e fé, esperança e crença, numa época de sofrimento e materialismo.⁶²

Sensível a situação social da época, a herança operária de sua família e juventude, LEON DENIS refletiu sobre a condição dos traba-

⁶⁰ DENNIS, L. *Porquê da Vida*, RJ, FEB, 1989, pp. 50-1 e *Socialismo e Espiritismo*, Matão, O Clarim, pp. 31-2, 35.

⁶¹ DENNIS, L. *Depois da Morte*, RJ, FEB, 1989, pp. 15-16.

⁶² BAUMARD, C. *Leon Dennis na Intimidade*, Matão, O Clarim, p. 196. 1927.

lhadores, as diferentes propostas reformadoras da sociedade, em particular no Socialismo, ligando-o ao Espiritualismo e às doutrinas espíritas, propondo, inclusive, um Socialismo de amplo alcance inspirado por guias espirituais interessados no aprimoramento da sociedade.

ESPIRITUALISMO E REFORMA SOCIAL

Este sentido social ligado aos projetos de reforma da sociedade e classes populares e trabalhadoras foi uma tendência nesta época, embora pouco pesquisado pelos historiadores. Uma exceção é o trabalho de LOGIE BARROW, *Independent Spirits: Spiritualism and English Plebeians/1850-1910* (in *History Workshop Series*, London, Routledge & Kegan Paul, 1986). Nesta obra o autor mostra como o florescimento do espiritualismo americano e inglês teve características sociais, desenvolvendo-se e organizando-se entre certos setores plebeus e operários neste período, conferindo, sobretudo para alguns mais intelectualizados como jovens clérigos oriundos da classe trabalhadora, profissionais liberais, autodidatas e professores das cidades operárias, que viam nestas novas possibilidades religiosas, metafísicas e espirituais, alternativas aos projetos seculares e ao desconforto que uma religião “oficial” marcada por certos setores da sociedade tradicional oferecia. As novas teologias espiritualistas apresentavam a possibilidade de um conhecimento democrático, além de meras questões religiosas:

“In addition, this spiritualism related powerfully -though not exclusively- to a slipperily “imponderable definition” of matter and to a democratic approach to knowledge. The latter, in its full version, was shared with overwhelmingly plebeian currents, the former found favour more widely. Only with this background could we recognise plebeian spiritualism as appealing to fears in areas wider than merely sickness and death -vitaly important though these were too - where it was anyway less radical, in some ways, than its adherents liked to believe. (op. cit. pp. 279-80).

O espiritualismo social existiu na visão reformadora de SAINT-SIMON, FOURIER, PIERRE LEROUX, REYNAUD, CABET, JUPILLE, TOURREIL, GANNEAU, J. JOURNET, ABBEY CHATEL, entre outros estudados por ROGER PICARD no seu livro *El Romanticismo Social* (Fondo de Cultura Económica, México, 1987, pp. 207-344), tendo influenciado uma certa estética socialista utópica, reformadora, romântica, profética e revolucionária exemplificada na obra de VITOR HUGO.

O caráter social da visão de DENIS, o papel reformador que ele atribuiu ao Espiritismo ficou claro em uma obra de 1924, *Socialismo e Espiritismo*, onde fez uma ponte teórica entre estes dois movimentos, a seu ver, complementares para a renovação do espírito humano e da educação do povo. Relembrando sua origem operária de lutas e privações, sua militância para a educação operária, ele negou o materialismo para apontar um socialismo espiritualista, um socialismo humanista:

“As questões sociais, que haviam revestido há algum tempo um caráter violento e ameaçavam atear fogo ao edifício que nos abriga, perderam um pouco de sua acuidade. Este é o momento de considerá-lo sem paixão, sem amargor, com a alma que convém aos espíritos refletidos, interessados na justiça, desejosos de facilitar a evolução de todos na paz e harmonia. Como veremos, a questão social é, acima de tudo, uma questão moral. Nós subcrevemos voluntariamente as reivindicações legítimas da classe operária reclamando para o trabalhador a sua parte de influência e de bem estar, seu direito aos benefícios industriais e seu lugar ao sol, porém reprovamos os meios violentos e revolucionários que seriam um perigo para a sociedade ocidental, depois de ter arruinado a sociedade russa. (...).

Depois das doutrinas do passado que não nos trouxeram senão a obscuridade, a incerteza, o Espiritismo projeta uma viva claridade sobre o caminho a percorrer, no encadeamento de nossas vidas sucessivas ele nos mostra a ordem, a justiça, a harmonia

que reina no Universo. Que o socialista se torne razoável e adote esta grande doutrina, esta ciência vasta e profunda, que esclarece todos os problemas e nos fornece provas experimentais da sobrevivência; que os seus participantes se impregnem e conformem com ela os seus atos e o Socialismo poderá se tornar uma das alavancas que levará a Humanidade para destinos melhores.” (op. cit. p. 43).

Para DENIS, o Socialismo e o Espiritismo estavam unidos, pois um oferecia ao outro o complemento da sabedoria, da justiça, das altas verdades e nobres ideais, sem os quais não haveria uma nova ordem social, um destino melhor para toda a sociedade. Juntos deveriam lutar contra as disparidades sociais, privilégios, preconceitos, superstições religiosas, os verdadeiros obstáculos ao progresso, aos deveres e benefícios da liberdade, igualdade e fraternidade, a verdadeira justiça social. Portanto, embora o Espiritismo compreendesse e explicasse a questão social e os problemas econômicos através da lei da reencarnação, ele deveria também reivindicar mudanças estruturais da sociedade para eliminar injustiças e desigualdades.

A compreensão do verdadeiro alcance social e revolucionário da doutrina espírita seria a alavanca da mudança definitiva da sociedade:

“A sociedade terrestre para prosseguir esta evolução deve renunciar ao materialismo que é insuficiente e se apoiar, doravante, sobre esta noção mais alta das existências sucessivas do ser e de uma vida universal regida por leis de equidade e de harmonia.

Façamos desta lei um princípio de educação moral e de justiça social, pois através dela tudo se explica e esclarece. Com efeito, é pela compreensão desta regra social junto à noção de deveres e de responsabilidades que ela comporta, de sanções que lhe são afetas, que se revelará, aos nossos olhos, a grandeza e a beleza da vida. Aí se encontrará o remédio que supre os nossos males e a

solução dos graves problemas da hora presente e do futuro.” (op. cit. p. 52).

Destacou-se também o DENIS divulgador da essência doutrinária espírita da imortalidade da alma, da reencarnação, do Universo de Deus, da cientificidade dos fenômenos espíritas, da mediunidade, das comunicações dos Espíritos e da existência além-túmulo. Indagando a vida, refletindo sobre a morte, anunciando uma verdade definitiva do ponto de vista filosófico e científico, suas obras dirigem-se ao esclarecimento dos homens sobre a vida após a morte.

Apoiado na teoria espírita enquanto uma ciência experimental, uma filosofia e uma moral, na voz dos mortos, dos Espíritos, DENIS afirmava que a morte não deveria mais ser motivo para terror e desespero pois o verdadeiro espírito era imortal e o homem continuava sua existência espiritual comunicando-se com os vivos, entre aqueles que amou e caminhando para o aperfeiçoamento em sucessivas reencarnações, em perpétua transformação. Nada percia: do túmulo voltava-se ao berço, para ascensão e progresso da alma imortal.

DA METAPSIQUIA À PARAPSIKOLOGIA

Ainda durante o século XIX, junto com o movimento espírita, surgiu uma abordagem que se propunha exclusivamente científica para o estudo dos chamados fatos sobrenaturais. Junto ao conhecimento e ao estudo das religiões, filosofias orientais e da Antigüidade, aliaram-se os avanços da ciência positiva para identificar, sob um ponto de vista objetivo, os acontecimentos sobrenaturais. Indagava-se a História, antigas religiões e filosofias eram estudadas ao lado das ciências empíricas e experimentais.

No século XIX, a fé e a razão pareciam ter entrado em colisão definitiva. Muita gente acreditava que a segunda salvaria a humani-

dade e traria o conhecimento da natureza humana e de todo o Universo. Velhas certezas eram desmontadas e novas verdades tentavam ocupar seu lugar. Uma sensibilidade repleta de potencialidades infinitas sobre a capacidade humana de tudo conhecer e transformar impunha-se como centro vitorioso, credo e fé da sociedade e da cultura emergente, revelando um novo aspecto da cultura, da produção intelectual, artística e científica durante os séculos XIX e XX.

O darwinismo implicava na idéia de que o homem não sofrera uma “queda” espiritual por perder a “graça divina”, mas, simplesmente, evoluíra a partir de formas inferiores de vida, assim como todos os seres vivos. Intelectualmente, a Bíblia estava sendo analisada como uma peça literária, uma parte da imensa cultura religiosa da época. O conhecimento intelectual e científico elevava os homens à imagem e semelhança de Deus. A religião, se quisesse sobreviver, deveria adotar os métodos da ciência para “provar” suas doutrinas.

A ênfase materialista no domínio do pensamento contrastava com o furor da crença na sobrevivência após a morte e nas possibilidades de comunicação entre mortos e vivos, na existência de dimensões extra-terrenas e na veracidade dos fenômenos espirituais. Em certos casos, nos meios intelectuais e científicos, chegou-se a pensar que, através de um conhecimento objetivo e científico destes fenômenos, assim como das capacidades mentais dos seres humanos, haveria a possibilidade de unir racionalismo e crença, associando os novos métodos da ciência aos mais antigos enigmas metafísicos.

O surgimento, difusão e ascensão do espiritualismo forneceu a solução a todos aqueles incomodados com a crescente onda de materialismo e ateísmo que se fortalecia à sombra do “rigor científico”, ensejando o substrato para “práticas e condutas socialmente reprováveis”, pois o “freio” religioso, posto em dúvida pelas práticas e critérios assumidos, mal se sustentava. Era uma saída para demonstrar a na-

tureza espiritual do homem sobre as bases científicas requeridas à época dentro de um contexto filosófico e religioso.

Porém, com o passar do tempo, podia-se identificar claramente a necessidade urgente de progredir no âmbito exclusivo do conhecimento científico como a única forma honrosa possível de estabelecer uma prova clara, definitiva e insofismável da realidade dos fenômenos paranormais e espirituais.

Em 1852, o futuro arcebispo anglicano de WESTMINSTER, EDMUND WHITE BENSON, fundou a *Ghost Society*, onde pretendia instalar o estudo dos fenômenos supranormais de forma isenta de qualquer postulado ritualístico, religioso e de forma rigorosamente científica. Posteriormente, a sociedade transformou-se na *Dialectical Society* para, em 1882, tornar-se a *Society for Psychical Research*, como é conhecida até os dias de hoje, congregando cientistas de renome, médicos, psiquiatras, psicólogos, entre outros. A sua correspondente americana, *American Society for Psychical Research*, foi criada em 1885.

O trabalho de JANET OPPENHEIM, *The Other World: Spiritualism and Psychical research in England (1850-1914)* (Cambridge Univ. Press, Cambridge, 1988) mostra como estas questões ganharam espaço entre profissionais liberais da classe média, setores da classe trabalhadora e numa florescente atividade jornalística. Agnosticismo, conceito de mente e pensamentos, frenologia, mesmerismo, psicologia e psiquismo, teoria da evolução, fenômenos psíquicos e espirituais foram parte integrante dos debates durante este florescente período. Tratava-se também, no caso inglês, de fortalecer uma aliança intelectual, científica e religiosa entre Espiritualismo e Cristianismo, a possibilidade de um Espiritualismo Cristão em harmonia com os novos conhecimentos da ciência no período vitoriano e eduardiano, criando um novo campo de estudos:

“Thus spiritualists and psychal researchers addressed, directly and indirectly, the most critical issues of science, philosophy and religion. Some of their proposed solutions may, in time, seem prophetic; others must always, no doubt, appear absurd. But, fundamentally, their work was neither ridiculous nor even misguided, for through if they hoped the means of accepting the changed world around them.” (op. cit. p. 397).

Alguns anos mais tarde, o médico francês CHARLES RICHTER chamou estes estudos de metapsiquia, quando da publicação, em 1925, do seu *Tratado de Metapsiquia*. Alguns anos mais tarde, prevaleceu o termo Parapsicologia. Ao que parece, este termo foi utilizado pela primeira vez pelo alemão MAX DESSOIR, em 1889, para designar o estudo dos fenômenos transcendentais. Este termo progressivamente incorporou-se durante o século XX.

A origem dos estudos parapsicológicos liga-se, principalmente ao movimento espírita e espiritualista. A fase metapsíquica prolongou-se em franca simbiose com a fenomenologia espírita dos ectoplasmas, telepatia, curas psíquicas, comunicações espirituais, levitações e fenômenos luminosos, após a segunda metade do século XIX. Espiritualistas, em geral, e espíritas, em particular, proclamaram a aliança necessária entre ciência e espiritualidade. Em 1899, assim escreveu DELANNE ao concluir seu comentário no livro *Um Caso de Desmaterialização Parcial do Corpo de um Médium* de ALEXANDRE AKSAKOFF (RJ, FEB, 1979):

“Não hesitamos em responder que o Espiritismo resolve estes problemas (a existência da alma e sua imortalidade, comunicações entre mortos e vivos, existência de outros mundos espirituais, etc.). Ele utiliza a observação e a experiência para estabelecer que a alma existe durante a vida e sobrevive após a destruição do corpo. Foi empregando o método positivo que ele criou a verdadeira

psicologia experimental, aquela que se baseia nos fatos sempre verificáveis quando as circunstâncias se repetem. Há meio século que esta ciência foi inovada, mas somente a vinte e cinco anos é que ela tomou o caráter rigoroso a que deve sua autoridade. (...). Não é mais à meia-noite, nos lugares desertos e castelos em ruínas, que se mostram os fantasmas; é no laboratório dos sábios que eles aparecem para se submeterem a todas as condições do mais rigoroso exame. “ (op. cit. pp. 192-3)

Uma das grandes obras deste período, o *Tratado de Metapsiquia* de CHARLES RICHEL, refere-se claramente a esta necessidade dos tempos modernos, de pesquisar, conhecer e esclarecer estes fenômenos excepcionais antes relegados ao domínio do oculto. Para RICHEL a ciência clássica não podia ignorar estes fenômenos, sob pena de escamotear um aspecto fundamental das leis naturais do Universo.⁶³

Assim sendo, propõe uma área de conhecimento científico, uma ciência voltada para o estudo das forças inteligentes, desconhecidas e incomuns, suas causas e conseqüências. Para tanto, propôs a divisão da Metapsiquia em dois campos: a) A Metapsiquia objetiva, para analisar e classificar os fenômenos exteriores, mecânicos, físicos e químicos, tais como casas assombradas, fantasmas, aparições, materializações, produção de sons e luzes, movimentos de objetos; b) uma Metapsiquia subjetiva, para estudar fenômenos mentais e intelectuais, certas realidades que só os sentidos e a sensibilidade podiam revelar, como a cripstetesia, ou seja, a sensibilidade natural, pressentimentos, intuições, transmissão de pensamentos, telepatias em geral.

A ciência metapsíquica deveria negar místicas religiosas, inclusive o Espiritismo, pois, historicamente, correspondia a uma etapa do pensamento científico. Para RICHEL, o conhecimento dos fenômenos

⁶³ CHARLES RICHEL, *Traité de Metapsiquie*, Paris, s.e., s.d.

psíquicos dividia-se em quatro períodos: 1. O período mítico, da Antiguidade até MESMER (1778); 2. O período magnético, de MESMER às irmãs FOX (1847); 3. O período espírita, das FOX a WILLIAM CROOKES (1847-1872); 4. O período científico de CROOKES prolongando-se pelo século XX.

De um modo geral, os cientistas dedicados aos estudos dos fenômenos psíquicos relutaram em aceitar e defender a sobrevivência espiritual e as comunicações dos mortos. No máximo, colocavam esta questão como hipótese significativa, uma forte probabilidade. Neste ponto divergiam dos espíritas com sua crença absoluta na imortalidade da alma e nas comunicações entre mortos e vivos. Mas esta separação talvez tenha sido a força necessária para a continuação e atualização dos estudos dos temas incomuns, inclusive a moderna Tanatologia e Parapsicologia, separados de uma tradição que se tornava cada vez mais mística e religiosa.

Inicialmente, as pesquisas parapsicológicas, sobretudo no final do século XIX e início do vinte, dedicavam-se ao estudo das experiências espontâneas da natureza paranormal. Centenas de pessoas e milhares de casos foram estudados, análises minuciosas foram feitas e um volumoso estudo foi acumulado e publicado. Os efeitos mentais e físicos produzidos por médiuns famosos, os casos relatados ou observados, depois de submetidos a rigorosas análises quanto a sua veracidade e idoneidade, foram a matéria prima para os estudos parapsicológicos desta época. Havia uma questão muito importante sobre a qual se colocavam os pesquisadores: os médiuns eram efetivamente visitados por espíritos ou atuavam através da telepatia? Eram poderes extra-sensoriais da mente ou atuação de inteligências externas?

Nas sessões de estudos, as mesas moviam-se, assobios, pancadas, campainhas, instrumentos musicais enchiam o local de ruído e, em casos de alguns médiuns, uma estranha substância esbranquiçada, o ectoplasma ou bioplasma, que podia ser gelatinosa, semi-sólida,

vaporosa ou mesmo líquida, formava figuras. Mãos espectrais tateavam mesas, membros falsos brotavam do corpo dos médiuns, Espíritos diziam seus nomes e assumiam a responsabilidade pelas manifestações visíveis, inclusive da psicografia. Mágicos famosos, como o próprio HOUDINI, eram chamados para “desmascarar” fraudes, o que acontecia com relativa freqüência.

Neste período, o furor destas sessões foi tanto que a adesão da massa, entre curiosa, necessitada e mística, aumentou sobremaneira as dificuldades dos cientistas. Estes abandonaram aos poucos, no final do século XIX, seu engajamento com as pesquisas, terminando estes fenômenos por ficarem associados com crença religiosa, médiuns e sessões, por vezes, fraudulentas.

Sobretudo nos países anglo-saxões, esta separação entre a necessidade de se estudar objetivamente os fenômenos psíquicos e uma atitude mais religiosa, revelou-se desde cedo. A Sociedade de Pesquisas Psíquicas na Inglaterra e sua similar americana distanciaram-se do Espiritismo popular e religioso. Grupos de cientistas começaram a investigar, experimentalmente, os fenômenos mentais e mediúnicos, acumulando dados e provas objetivas que permitissem uma visão real, sem crenças extra-científicas, marcando uma posição diferenciada do espiritismo, desenvolvido em torno dos chamados “livros espirituais” revelados pelos espíritos dos mortos, ao estilo de KARDEC. Isto fica bem claro num artigo de 1904 publicado pela Sociedade de Parapsicologia intitulado “*Twenty Years of Psychological Research*”:

“Os espíritas não podem duvidar qual será objetivo – não podem duvidar de que, com o tempo, a SPR dará provas tão claras e insofismáveis de clarividência, de escrita mediúnica, de aparições de espíritos, e de várias formas de fenômenos físicos, do mesmo modo que as deu sobre a transmissão de pensamentos. Há, porém, um certo conhecimento – em relação aos fatos, a respeito

dos quais a SPR não pode confessar, possuir qualquer conhecimento. A SPR está preocupada apenas com fenômenos, buscando provas de sua realidade... Para eles, a idéia de comunicação com os espíritos, de uma conversa suave com os mortos queridos – tão preciosos para os espíritas, não apresenta interesse atual.”

Muitas tentativas de estudar os fenômenos psíquicos de uma forma estritamente científica esbarravam na impossibilidade de repetição das observações, na dificuldade de controlar o processo de produção dos fenômenos e nos problemas enfrentados com os próprios médiuns, a matéria-prima das investigações. O movimento espiritualista ficou marcado por abordagens diferentes que se mantiveram e até mesmo se acentuaram, nas primeiras décadas do século vinte.

Os fenômenos espiritualistas da segunda metade do século XIX, foram considerados fantásticos e incríveis, colidindo com as tradicionais categorias de espaço, tempo, matéria, causalidade. Alternavam a concepção tridimensional e empirista do mundo científico e racional, uma vez que apontavam na direção da necessidade de revisão do enfoque, parâmetros e metodologia da “ciência”.

4) REFLEXÕES FINAIS

O objetivo deste estudo é, em linhas gerais, colocar possibilidades teóricas para trabalhos que envolvam a religião e pensamento religioso assim como apresentar os resultados, ainda parciais, de um tema que vem sendo estudado e pesquisado, sobre determinadas correntes místicas e culturais dentro de uma perspectiva de história intelectual e cultural.

Sob a denominação genérica de Espiritualismo abrigavam-se várias posições, tendências, movimentos que variavam de uma religiosidade extremada à busca de um rigor científico absoluto. As matrizes intelectuais eram variadas e comportavam discussões intelectuais,

religiosas, sensibilidades e um imaginário específico. As alianças entre Razão e Fé, neste período, revelaram aspectos únicos e característicos da história cultural desta época.

O mesmerismo e o magnetismo animal não desapareceram no século XIX: foram reatualizados, inovados e rediscutidos no espiritua-
lismo em geral, no hipnotismo e na própria medicina homeopática. Este seria um objeto de investigação extremamente instigante para futuros trabalhos.

Dentro do movimento Espiritualista procuramos, ressaltar questões gerais sobre a temática e destacar uma corrente específica: o Espiritismo francês. Procuramos, na análise da obra de seus principais representantes do século XIX, determinar suas matrizes teóricas, intelectuais e inserção num universo de representações sobre o Além e o mundo sobrenatural que se estendia também na literatura e nas artes. Homens e mulheres de sua época: médiuns, cientistas, religiosos, mágicos, trabalhadores, burgueses, educadores, reformadores sociais, artistas, jornalistas, aventuraram-se pelos mundos do “Espírito”.

A relação teórica do Espiritualismo, em geral, e do Espiritismo, em particular, com uma determinada visão de ciência positiva é um aspecto fecundo de uma abordagem na qual a História da Ciência e dos fenômenos religiosos encontram-se imbricados de uma maneira peculiar. Coube um papel fundamental à observação rigorosa e criteriosa de homens da ciência do século XIX, transformando aquilo que poderia ser uma mera demonstração para curiosos, numa oportunidade de indagar, de forma organizada e coerente, o sobrenatural, despidendo-o da tradição religiosa e mágica das religiões e do pensamento religioso. Temos o surgimento da teoria sobre a quarta dimensão que EINSTEIN, em 1921, tornará famosa, e também a Parapsicologia em grande voga nos EUA e URSS, durante o período da Guerra Fria.

Eliane Moura Silva

Mas, muito do imaginário romântico, gótico, dos fantasmas diáfanos, do suspense e medo provocado pelo sobrenatural, sofreu um duro golpe com a introdução da frieza científica e a dessacralização do Além. Resta saber o quanto deste imaginário continuou forte, apesar dos esforços da Razão Espiritualista, nos centros espíritas, no imaginário popular que se alimentou de outras correntes místicas tais como teósofos, ocultistas e esoteristas.

BIBLIOGRAFIA

- AMADOU, Robert. *L'Occultisme: Esquisse d'un monde vivant*, Paris, Julliard, 1950.
- ARIÈS, P. *O Homem diante da Morte*. RJ, Francisco Alves Ed., 1988, vol. I e II.
- AUBRÉE. M. E. Laplantine, F. *Le Livre, La table et les Esprits*, J.C. Lattès, Paris, 1990.
- BERRY, Thomas. *Spiritualism in Tsarist Society and literature*, Baltimore, Edgar Allan Poe Society, 1985.
- BIOGRAPHICAL DICTIONARY OF AMERICAN AND SECT LEADERS, NY, Garland Publ., 1982.
- BRAUDE, A. *Radical Spirits: spiritualism and women's rights in nineteenth-century America*, Beacon Press, Boston, 1989.
- BRANDON, Ruth. *The Spiritualists: The Passion for the Occult in the Nineteenth and Twentieth Centuries* (NY, Alfred Knopf, 1983).
- CHARET, F.X. *Spiritualism and the foundations of C.G.Jung's psychology*, Albany, State Univ. of NY Press, 1993.
- CORSETTI, Jean Paul. *Histoire de L'Esotérisme et des Sciences Occultes*, Paris, Larousse, 1992.
- CHRISTY, A. *The Orient in the American Transcendentalism*, NY, Octagon Books, 1963.
- CULTS AND NEW RELIGIONS. Coleção ed. por J. Gordon Melton, NY, Garland Publ, 1990.
- DURAND, Gilbert, *As Estruturas Simbólicas e Antropológicas do Imaginário*, Lisboa, Ed. Presença, 1990.
- ELLWOOD, Robert. *Alternatives Altars: Unconventional and Eastern Spirituality in America*, Chicago, Chicago Press, 1979.
- EMERSON, Ralph W. *Representative Men*, Oxford Univ. Press, Oxford, 1955.
- ENCYCLOPEDIC HANDBOOK OF CULTS IN AMERICA, NY, Garland Publ., 1992.
- FAIVRE, Antoine. *Access to Western Esotericism*, State University of NY, NY, 1994.
- _____. *Philosophie de la Nature (Physique Sacrée et Théosophie)* (Paris, Albin Michel, 1995).
- FAIVRE, Antoine / NEEDLEMAN, Jacob (org.) *Modern Esoteric Spirituality*. NY, Crossroad Publ., 1991. Vol 21 da *World of Spirituality: An Encyclopedic History of the Religious Quest*.

Eliane Moura Silva

- FREELAND, N., *The Occult explosion*, NY, Putnan, 1972.
- GOLDFARB, Russel. *Spiritualism and nineteenth-century letters*, NJ, Rutheford Press, Farleigh Dickens Univ., 1977.
- GORDON, Melton. *Witchcraft and Paganism in America*, NY, Garland Publ., 1982.
- GRANT, K. *The Magical Revival*, Londres, Muller, 1974.
- INTROVIGNE, Massimo / MARTIN, Jean-Batiste (org.) *Le Défi Magique, Vol 1: Ésotérisme, Occultisme et Spiritisme* (Presses Univ. de Lyon, Lyon, 1994);
- JAMES, Marie-France. *Ésotérisme, Occultisme, Franc-maçonnerie et Christianisme aux XIX et XX siècles. Explorations bio-bibliografiques*, Paris, Nouvelles Ed. 1981
- KERR, Howard. *Mediums, spirit-rappers and roaring radicals: Spiritualism in American literature (1850-1900)*, Urbana, Univ. of Illinois Press, 1972..
- _____. *The Occult in America: New Historical Perspectives* NP, Univ. of Illinois Press, 1983.
- LIOGER, R. *Sourciers et Radiesthésistes ruraux*, Presses Universitaires de Lyon, 1993.
- MOORE, Robert L. *In search of white crows: Spiritualism, parapsychology and American Culture*, Oxford Univ. Press, 1977.
- MOZZARI, Eloise. *Magie et Superstitions de la la fin de L'Ancien Régime a la Restauration*, Paris, Robert Lafond, s.d.
- NELSON, Geoffrey K. *Spiritualism and Society*, NY, Schoken Books, 1969.
- OWEN, Alex. *The Darkned Room: women, power and spiritualism in late Victorian England*, Philadelphia, Univ, of Pennsylvania Press. 1990.
- PORTER, Katherine. *Through a glass drkly:spiritualism in the Browning circle*. NY, Octagon Books, 1972.
- RIFFARD, Pierre. *Dictionnaire de L'ésotérisme*, Paris, Payot, 1983.
- SILVA, Eliane M. *Vida e Morte: O Homem no Labirinto da Eternidade*, Unicamp, Tese Doutorado, 1993.
- THORNDIKE, Lynn. *A History of magic and the Experimental Science* (NY, Columbia Univ. Press, 1984).
- WARD, Gary. *Spiritualist Thought*, NY, Garland, 1990.
- WILSON, C. *The Occult*, NY, Kegan & Paul, 1971.
- WEBB, James. *The Occult Underground*, La Salle III, Open court, 1974.
- _____. *The mediums and the Conjurors*, NY, Arno Press, 1976.
- ZALESKI, Carol. *Otherworld Journeys: Accounts of Near-death experience in Medieval and Modern Times*, NY/Oxford, Oxford Univ. Press, 1987.

NOME: _____

Name: _____

ENDEREÇO: _____

Address: _____

RECEBEMOS: _____

We have received: _____

FALTA-NOS: _____

We are lacking: _____

ENVIAMOS EM PERMUTA: _____

We are sending in exchange: _____

DATA: _____

Date: _____

ASSINATURA: _____

**A NÃO DEVOLUÇÃO DESTE IMPLICARÁ NA SUSPENSÃO DA
REMESSA**

Non-acknowledgement of receipt will indicate that further publications are not
wanted.

À
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS - UNICAMP
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - IFCH
SETOR DE PUBLICAÇÕES
Cidade Universitária "Zeferino Vaz"
Caixa Postal 6.110
13081-970 - Campinas - São Paulo - Brasil

Tel.: (0XX 19) 788.1604 / 788.1603
Telefax (0XX 19) 788.1589